

Indústria & Competitividade

A nova geração da indústria

Jovens com talento para a tecnologia desenvolvem as competências essenciais para o mundo da manufatura avançada



CTMX	0.45	▲ +0.45%
FTR	-0.23	▼ -2.34%
CSCO	-1.01	▼ -1.89%
CHK	0.02	▲ +0.24%
AAPL	+2.58	▲ +0.24%
PRTO	-0.01	▼ -0.01%
AMZN	0.01	▲ +0.01%
TSLA	0.01	▲ +0.01%
AVGO	0.01	▲ +0.01%
SIRI	-0.65	▼ -0.65%

ESPECIALIZAÇÃO

Calçadistas de São João Batista só querem saber de mulheres

PÉ NO FREIO

Retomada econômica é limitada pela falta de estradas e ferrovias

MÃO NA MASSA

Gerindo ou apoiando, empresários potencializam projetos sociais



CONECTAR LUGARES,
PESSOAS, MERCADOS
E CLIENTES, LEVANDO
NAVEGANTES PARA O
MUNDO, COM EFICIÊNCIA,
SEGURANÇA E COMPETÊNCIA.

ISSO É SER
PORTONAVE



PORTONAVE

Indústria competitiva, sociedade desenvolvida

O que a indústria tem a oferecer para os jovens? Entendo que oportunidades para a vida, para o desenvolvimento profissional e pessoal, em ambientes construtivos e desafiadores. É exatamente isso o que muitos jovens buscam quando procuram um curso profissional oferecido pelo SENAI, por exemplo. Para eles o futuro é promissor, desde que a indústria dê um salto tecnológico em direção à chamada manufatura avançada. É nesse ponto que devemos nos perguntar o que os jovens têm a oferecer para a indústria. Na FIESC, entendemos que a construção da indústria 4.0 depende de sua criatividade, capacidade de inovação e vontade de empreender. Mas, para chegar lá, eles precisam ser estimulados a gostar de tecnologia e desenvolver as competências que os habilitarão a exercer as profissões do futuro. O universo dos jovens e os desafios de qualificar a sua formação estão descritos na matéria de capa desta edição.

E o que a indústria tem a oferecer para a sociedade? A melhor resposta é a mesma do parágrafo anterior, acrescida do desenvolvimento socioeconômico que o setor produz. Especialmente em Santa Catarina, onde está presente em todas as regiões, como no município de São João Batista, sede de um notável polo calçadista. Mas a indústria vai além, graças ao engajamento pessoal de empresários a causas comunitárias. Eles oferecem sua experiência administrativa para reerguer hospitais ou melhorar a vida de jovens carentes, conforme demonstrado em uma das reportagens da revista. Outra forma de ampliar a ação social é por meio de leis que permitem aplicar parte do imposto devido em projetos culturais, esportivos e de saúde. O programa da FIESC que ajuda proponentes e empresas a obterem melhores resultados está descrito nesta edição.

Reportagens sobre importações e infraestrutura mostram que Santa Catarina tem potencial para se consolidar como uma das maiores plataformas logísticas do País, graças à eficiência dos portos, à complexidade e diversidade da indústria e ao ambiente de negócios favorável à atração de empresas. O grande desafio a ser superado é o da infraestrutura logística, que limita o crescimento. Precisamos de um planejamento logístico integrado e baseado na intermodalidade. A FIESC se empenha em articular os vários setores ligados ao tema para realizar o planejamento, essencial para o futuro de Santa Catarina.



FERNANDO WILLADINO

Glauco José Côrte
Presidente da FIESC

FIESC

Federação das Indústrias do
Estado de Santa Catarina

Presidente
Glauco José Côrte

1º Vice-Presidente
Mario Cezar de Aguiar

Diretor 1º Secretário
Edvaldo Ângelo

Diretor 1º Tesoureiro
Alfredo Piotrovski

Diretor 2º Tesoureiro
Egon Werner

Diretoria Executiva
Carlos Henrique Ramos Fonseca
Carlos José Kurtz
Carlos Roberto de Farias
Fabrizio Machado Pereira
Jefferson de Oliveira Gomes
Rodrigo Carioni
Silvestre José Pavoni

Indústria & Competitividade

Direção de conteúdo e edição
Vladimir Brandão

Jornalista responsável
Elmar Meurer (984 JP)

Coordenação de produção
Marcelo Lopes Carneiro

Edição de arte
Luciana Carranca

Fotografia
Edson Junkes

Produção executiva
Maria Paula Garcia

Revisão
Lu Coelho

Produção gráfica
Luciana Miller

Distribuição
Filipe Scotti

Colaboradores da edição
Alexsandro Vanin, Cristiano Maia, Fabrício Marques, Lilian Simioni, Maurício Oliveira e Mauro Geres (textos); Cleber Gomes e Júnior Duarte (fotos); Leo Laps (texto e foto)

Apoio editorial
Ivonei Fazzioni, Elida Ruivo, Miriane Campos, Dami Radin e Leniara Machado

Capa
Luciana Carranca

Comercialização
Alexandre Damasio/CIESC

imprensa@fiesc.com.br
(48) 3231 4670
www.fiesc.com.br



www.vbcditorial.com.br

SUMÁRIO

6 ENTREVISTA

O economista e ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega defende que o Brasil se conecte com o mundo promovendo uma abertura comercial unilateral

10 CALÇADOS

Polo de São João Batista se tornou relevante graças ao elevado espírito empreendedor reinante na cidade e à especialização no mercado feminino

18 COMÉRCIO EXTERIOR

Insumos industriais e bens de capital se destacam na pauta importadora catarinense, dando impulso para a recuperação do setor

24 LOGÍSTICA

Precária infraestrutura de transportes é entrave para o crescimento econômico do Estado, que precisa de planejamento integrado e de sistemas intermodais

34 EDUCAÇÃO

Jovens têm oportunidade de desenvolvimento na construção da indústria 4.0, mas para isso precisam aprender a gostar de tecnologia e desenvolver novas habilidades

52 COMUNIDADE

Empresários que direcionam sua experiência gerencial para a realização de projetos sociais potencializam os resultados das iniciativas

60 INCENTIVOS

Conjunto de leis permite que impostos devidos sejam aplicados em ações sociais locais. Programa da FIESC ajuda a elaborar e apoiar bons projetos

66 PERFIL

Rita de Cássia Conti conheceu o varejo atuando como publicitária e se tornou fabricante de pijamas para aproveitar as oportunidades que percebeu no setor

70 ARTIGO

Roberto Padovani, economista-chefe do Banco Votorantim

fiesc.com.br



FIESC - CIESC - SESI - SENAI - IEL

OUVIR, UNIR, AGIR.

**FIESC. ENTENDER PARA ATENDER
A INDÚSTRIA CATARINENSE.**



**CONTE
GENTE**
COM A

Todo ano, o SESI leva saúde e bem-estar a mais de 500 mil trabalhadores da indústria e seus familiares. E essa é só mais uma das iniciativas da FIESC nas áreas de saúde, segurança no trabalho, educação, inovação e tecnologia. Tudo para desenvolver o potencial e melhorar a competitividade da indústria catarinense.

FIESC

Resistência a mudanças engessa o Brasil

A trajetória do economista **Maílson da Nóbrega**, 75 anos, pode ser narrada em dois tempos. Entre os anos 1960 e 1980, notabilizou-se como gestor público: funcionário de carreira do Banco do Brasil, tornou-se secretário-geral do Ministério da Fazenda entre 1983 e 1984 e foi convocado a assumir a pasta de 1988 a 1990, em um momento em que o País flertava com a hiperinflação. Sua política econômica, contrária a pacotes heterodoxos, ficou conhecida como “arroz com feijão”. Após a experiência, Maílson consagrou-se como consultor – fundou a Tendências, onde atua até hoje – e colunista de economia.

Por **Fabício Marques**

O que é necessário para que o País entre em um ciclo de crescimento sustentável?

Um novo ciclo depende da conjugação de dois elementos. Primeiro, de uma recuperação da taxa de investimento, hoje em torno de 16% do PIB, para níveis superiores a 20%. Isso pressupõe, além de inversões em máquinas, equipamentos e softwares, uma vigorosa ampliação dos investimentos em infraestrutura de transportes para melhorar a operação da logística. O segundo elemento é a produtividade. Nos Estados Unidos, cerca de 80% do crescimento econômico dos últimos 70 anos se explica essencialmente por ganhos de produtividade. Ganhar produtividade é um dos maiores desafios do Brasil nos próximos anos. E isso depende de melhorar a qualidade da educação e de reformas microeconômicas para elevar a eficiência, entre as quais a reforma tributária e adoção de novos avanços no campo trabalhista.

Na sua opinião, o Brasil pode se tornar um país rico ou está condenado a ficar preso à chamada armadilha da renda média?

O Brasil é, sim, candidato a um dia fazer parte do clube dos países ricos. Mas infelizmente estamos andando relativamente para trás. Viemos crescendo abaixo do ritmo da expansão das economias desenvolvidas. E ficar rico exige, ao contrário, um ritmo de crescimento superior ao dessas economias, como acontece com a China e a Índia. Alcançar essa posição implica realizar transformações ciclópicas, a começar pela educação. O ambiente de negócios precisa mudar radicalmente para melhor por meio de um ciclo de reformas que também inclui uma ampla reformulação do sistema previdenciário, seja para atacar privilégios inaceitáveis de que gozam juízes, procuradores e outros servidores, seja para desviar o País da marcha em que se encontra de insolvência fiscal. Não menos importante será uma mudança cultural que leve a sociedade a aceitar o lucro como peça fundamental para recompensar quem investe nas empresas e para



Mailson da Nóbrega; sociedade não aceita o lucro como elemento de prosperidade

BRUNO POLETTI/FOLHAPRESS

financiar a sua expansão e a inovação. Na Inglaterra, o lucro deixou de ser visto como algo desonroso na virada do século 16 para o século 17. Adam Smith teve papel relevante nessa transformação ao mostrar por que o lucro era elemento essencial da prosperidade. Mais de dois séculos depois, 70% dos brasileiros são contrários à privatização de empresas estatais, o que se explica, a meu ver, pela ojeriza ao lucro privado.

Um estudo recente da CNI, o Indústria 2027, mostra que só 1,6% das indústrias brasileiras está operando na fronteira dos processos fabris inteligentes conhecida como manufatura avançada. Que políticas de apoio à inovação são necessárias para dar competitividade à indústria?

Vejo dois caminhos. Primeiro, uma ampla abertura da economia. O Brasil continua sendo um dos países mais fechados do mundo. Infelizmente, é grande a resistência à abertura. Mesmo entre os que apoiam a ideia há aqueles que condicionam a abertura a uma negociação

com nossos parceiros comerciais. O processo de abertura é essencialmente unilateral. Não é uma ação de comércio exterior, mas uma política para induzir as empresas à busca da eficiência e de ganhos de produtividade. O segundo caminho é um conjunto de reformas estruturais que melhorem o ambiente de negócios, reduzam os custos do endividamento e ampliem o acesso a formas mais saudáveis de financiamento.

De que tipo de política industrial o Brasil necessita para retomar o desenvolvimento?

A melhor política industrial é aquela que promove ganhos horizontais de competitividade. Não há como justificar que ainda precisemos de políticas verticais para beneficiar, por exemplo, a indústria automobilística.

Quais serão os efeitos da reforma trabalhista aprovada recentemente?

A reforma deve contribuir para reduzir substancialmente a informalidade no mercado de trabalho. Em segundo lugar, deve diminuir →

drasticamente os incentivos ao litígio. Nos próximos anos, dificilmente teremos as 3 milhões de ações trabalhistas por ano, que era a característica triste do nosso mercado de trabalho. Em terceiro, contribuirá para aumentar o emprego e já há sinais nesse sentido. A taxa de desemprego no final do ano, que foi de 11,8% em 2017, deve cair para 11,4% ou menos em 2018.

Que papel o Estado deve desempenhar para estimular o empreendedorismo?

Pode-se falar em estímulos à criação de startups, como é o caso na China, onde tem sido estonteante a criação dessas empresas, da ordem de 1 milhão por mês. Mas, na verdade, o Estado faria melhor se eliminasse as barreiras decorrentes do caótico sistema tributário e da ainda retrógrada legislação trabalhista. Medidas para reduzir a taxa estrutural de juros e ampliar o acesso ao crédito ajudariam muito os pequenos empreendedores. O caos tributário levou à necessidade do Simples, mas a expansão deste regime está criando uma situação conhecida como “síndrome de Peter Pan”. As empresas não têm estímulo para crescer, pois saem do Simples para o inferno da tributação do ICMS e de outras incidências sobre o consumo.

Qual será o cenário se a reforma da Previdência não sair do papel neste ano, como parece?

A velha esquerda e as corporações do setor público são os grandes vencedores da batalha pela reforma da Previdência. Um público mal informado comprou ideias estapafúrdias como as de que não há déficit previdenciário ou de que os brasileiros morrerão antes da aposentadoria. Barbaridades como a de que a reforma

era contra os pobres foram disseminadas. O melhor cenário, a esta altura, é mesmo deixar a reforma para o próximo governo. Seria uma irresponsabilidade ir para a votação sem a segurança de que existem votos suficientes para aprovar o projeto.

Quais são as oportunidades e os riscos contidos na próxima eleição presidencial?

As oportunidades estão na possibilidade de uma coordenação dos principais partidos de centro em torno de uma candidatura, duas no máximo. A probabilidade de vitória seria alta. O novo presidente se elegeria no bojo de uma coalizão que lhe daria maioria confortável no Congresso para permitir a aprovação de uma ousada agenda de reformas. Os riscos viriam da fragmentação do centro, criando a chance de os extremos irem para o segundo turno. Teríamos que escolher entre Bolsonaro e um candidato do PT apoiado por Lula, que tudo indica estará impedido de concorrer pela lei da ficha limpa. Um terceiro cenário, igualmente desastroso, seria

“O ambiente de negócios tem que mudar radicalmente. Precisamos realizar transformações ciclópicas, a começar pela educação”

a eleição de uma celebridade, que dificilmente teria liderança, experiência e habilidade para negociar com um Congresso que será semelhante ao atual. Embora seja cedo, creio que o cenário mais provável será a eleição de um candidato de centro. Hoje, o mais competitivo é o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. Este cenário pode ficar mais robusto se houver um encolhimento das preferências por Bolsonaro. Ele não disporá de tempo de TV nem de estrutura municipal. Neste caso, o segundo turno seria disputado entre o candidato do PT e o candidato do centro, situação em que a vitória deste último se tornaria mais provável. ■

Guia

Industrial FIESC

A MAIOR
BASE DE DADOS DA
INDÚSTRIA CATARINENSE

CADASTRE-SE GRATUITAMENTE
www.guiafiesc.com.br



CALÇADOS

*Os irmãos Cláudio e
Rafaella Booz: após
reposicionamento,
marca se voltou a clientes
de alto poder aquisitivo*

O salto de São João Batista

EM POUCOS ANOS A CIDADE TORNOU-SE UM NOTÁVEL POLO INDUSTRIAL GRAÇAS AO ESPÍRITO EMPREENDEDOR DE SEUS MORADORES E À ESPECIALIZAÇÃO NO MERCADO DE CALÇADOS FEMININOS

Por **Maurício Oliveira**

Aos 38 anos, Rafaella Booz é uma típica dona de casa de São João Batista, tranquila cidade de 36 mil habitantes localizada a 60 quilômetros de Florianópolis. Agora que os filhos estão mais crescidos – Isabella está com 10 anos e Bernardo com sete –, ela planeja voltar a trabalhar na empresa da família, de onde se afastou quando engravidou pela primeira vez. Até aí não há nada de muito diferente na história, que começa a ficar peculiar quando sabemos que a empresa em questão, uma fábrica de calçados femininos com produção anual de 700 mil pares, geração de 1.200 empregos e faturamento de R\$ 52 milhões no ano passado, leva o nome de Rafaella, com uma pequena adaptação na grafia: trata-se da Raphaella Booz, uma das pioneiras do polo calçadista de São João Batista, fundada em 1966.

A esta altura, o leitor mais atento deve estar se perguntando como uma empresa criada há mais de 50 anos pode ter o nome de uma mulher que ainda não chegou aos 40. Explica-se: a empresa foi fundada pelo pai de Rafaella, Ary Booz, que começou a trabalhar ali mesmo em São João Batista como aprendiz numa fábrica de calçados, aos 12 anos, e depois decidiu montar o próprio negócio, dedicado inicialmente à fabricação de solas. No começo, ele ia de ônibus até

Florianópolis, Blumenau, Brusque e Novo Hamburgo (RS) para tentar vender a produção. “Meu pai levava uns 500 quilos de sola em várias malas e precisava baldear tudo isso nos ônibus. Demorava um bocado e muitas vezes ele era vaiado pelos outros passageiros”, conta Cláudio Booz, 48 anos, o filho do meio entre cinco irmãos, atual presidente da empresa. Quando adquiriu mais conhecimentos sobre o processo completo da fabricação de calçados e estabeleceu contato com fornecedores de matéria-prima, Ary decidiu iniciar a produção de sapatos femininos. Criou a Indústria e Comércio de Calçados Tânia, nome escolhido em homenagem à primeira filha, então recém-nascida e hoje com 54 anos.

Cláudio, único filho homem de Ary, envolveu-se desde cedo com os negócios, formando-se técnico em calçados e assumindo o comando em 1992, com alguns problemas sérios a enfrentar. Um deles era uma dívida retroativa de impostos que quase levou a empresa à falência ao ser quitada. O outro foi ter descoberto que, por descuido, o registro da marca Tânia havia vencido, abrindo caminho para que outra empresa passasse a utilizá-lo. Diante da necessidade de dar um novo nome à marca, Ary e Cláudio chegaram à ideia de homenagear desta vez a filha caçula, então com 13 anos, cujo nome havia sido inspirado no pai de Ary, Rafael. “Rafaella era um nome bastante forte, mas resolvemos colocar o ‘ph’ para dar um charme a mais”, lembra Cláudio. Embora tenha sido realizada por obrigação, a mudança se mostraria sintonizada com o reposicionamento de marca – a Raphaella Booz se tornava gradualmente uma marca sofisticada, com produtos dirigidos ao público de alto poder aquisitivo.

Foi sob a liderança do filho que o negócio deslanchou de vez, tendo Ary sempre por perto – até sua morte, em 2015, aos 74 anos. Hoje, o parque fabril ocupa 10 mil metros quadrados, com mais de 5 mil metros quadrados de área

→

CALÇADOS

construída. Além de sete lojas próprias e 24 franquizadas – incluindo cinco unidades no Peru e na Bolívia –, a marca está em 1.500 pontos de venda em todo o Brasil e é exportada para 25 países das Américas, Europa e Ásia. Cláudio viaja quatro vezes ao ano para os Estados Unidos ou a Europa para fazer pesquisas e se atualizar. A

cada ano, a marca lança 700 novos modelos, quase todos feitos de couro e com custo médio de R\$ 250. As campanhas de lançamento de novas coleções são frequentemente estreladas por nomes conhecidos da moda e do show business, a exemplo de Tainá Müller e Thaila Ayala.

Rafaella trabalhou um bom tempo na empresa, desde pequena, quando ajudava o pai a montar as caixas dos sapatos. Depois liderou a abertura da primeira franquia e do primeiro outlet da marca. Com a maternidade, afastou-se do dia a dia da empresa, mas continuou ligada a tudo o que acontecia nela. “Não consigo usar outra marca de sapatos. Seria uma espécie de traição. Além do mais, não é toda mulher que tem o



Santos: exportações em alta

DIVULGAÇÃO

privilegio de usar modelos customizados com o próprio nome”, brinca. Como a marca se tornou nacionalmente conhecida e carrega um nome bastante sonoro (o “Booz” é lido com som de “bós”, e não de “bus”), Rafaella se acostumou a ser “reconhecida” quando se identifica nas mais diversas situações, especialmente em meios ligados à moda.

“Sempre preciso contar a história, mas não me importo, porque eu a adoro e tenho muito orgulho por fazer parte de tudo isso”, afirma.

Influência do pioneiro

A trajetória da família Booz ilustra bem o espírito familiar e empreendedor das empresas calçadistas de São João Batista, que se tornou um dos dez maiores polos do setor no País, com a peculiaridade de se dedicar exclusivamente à produção de modelos femininos, algo que se deu em grande parte por influência do pioneiro Ary. Dados atualizados do Departamento de Tributos da prefeitura indicam que a cidade tem 270 fábricas de calçados em atividade, dos mais diversos portes, além de 122 ateliês que prestam serviços de apoio. De acordo com o Sindicato das Indústrias de Calçados de São João Batista (Sincasjb), essas empresas produzem, juntas, em torno de 1,2 milhão de pares por mês e geram 8 mil empregos – ou seja, garantem trabalho para quase metade da população economicamente ativa do município. A conjuntura difícil do período 2014-2017 foi amenizada pelo aumento das exportações: as vendas para o exterior passaram a representar 10% do total. “É uma conquista que pretendemos manter e ampliar mesmo



EDSON JUNIKES

com o reaquecimento do mercado interno, que já está acontecendo”, diz Almir Santos, presidente do Sincasjb.

Inicialmente, as empresas locais dependiam de componentes de outros lugares para produzir os sapatos. Aos poucos, foram surgindo fornecedores locais, a tal ponto que, hoje, cerca de 60% das empresas do polo se dedicam à fabricação dos calçados propriamente dita, enquanto as demais atuam em vários segmentos relacionados, a exemplo de curtumes, componentes, indústria

química e embalagens. O polo consolidou nos últimos anos as características de *cluster* com a instalação de empresas voltadas ao desenvolvimento de produtos para o setor calçadista, como, por exemplo, fabricantes de softwares. “A indústria de calçados é responsável por pelo menos 80% da economia de São João Batista”, afirma o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico, Plácido Vargas.

O polo atraiu ao longo das duas últimas décadas muita gente que buscou ali melhores



PASSO FIRME

O polo de São João Batista em números

400 EMPRESAS

sendo 170 fabricantes de calçados e 230 de apoio, como ateliês, curtumes, componentes, indústria química e embalagens

Produção de
1,2 milhão
de pares
por mês

8 MIL postos
de trabalho

67% da produção
catarinense de calçados

Fonte de 70%
da arrecadação
do município

Fontes: Prefeitura, Sincasjb e Abicalçados



CALÇADOS

condições de vida, oriundas especialmente do interior do Rio Grande do Sul. Hoje, cerca de 40% da população é composta por pessoas que não nasceram na região. Até quem chega sem qualificação profissional tem a oportunidade de se posicionar no mercado com os cursos oferecidos pela unidade local do SENAI, vários deles voltados à produção de calçados.

É difícil encontrar na cidade uma família que não tenha ligação direta com o setor. Mesmo aquelas que atuam da agricultura – a cidade tem se destacado pela produção de mandioca – costumam ter pelo menos um representante na indústria de calçados, reconhecida por oferecer os melhores empregos na combinação entre salários e benefícios. “Os empresários da cidade são muito empreendedores e querem estar sempre crescendo. Essa determinação se explica pelo fato de que ninguém aqui ganhou uma empresa já pronta e grande. Ou montou o próprio negócio ou impulsionou uma

A INDÚSTRIA EM SANTA CATARINA

278 fábricas

21,7 milhões
de pares

2,3%
do total brasileiro

Fonte: Abicalçados



pequena empresa familiar”, descreve Vargas.

Quando Ary Booz iniciou suas atividades, a vocação da cidade para o setor estava ainda muito incipiente. Contam os registros históricos da prefeitura que o pioneirismo coube a Lindolfo Marcelino Pereira, que fez um curso de sapateiro em Brusque e no retorno abriu aquela que teria sido a primeira sapataria de São João Batista, em 1926.

Em 1958, ano de emancipação do município, havia 20 estabelecimentos, mas todos ainda de fundo de quintal, envolvendo familiares e poucos funcionários.

O salto ocorreu na década de 1980, em grande parte por conta da crise da indústria de açúcar, principal atividade econômica da cidade até então, que sofreu com o fim dos incentivos governamentais oferecidos pelo Instituto do Açúcar e do Alcool. Trabalhar com calçados se tornou a alternativa de sobrevivência para muita gente, e as pequenas fábricas que apos-



EDSON JUNKEIS



Kammer e a linha de produção da Via Scarpa (página ao lado): aprendizado prático e desenvolvimento de máquinas próprias

taram na profissionalização encontraram grande oferta de trabalhadores.

Nordeste desbravado

A Via Scarpa foi uma das empresas que começou pequena nessa fase e se tornou uma organização de grande porte, com 1.500 funcionários e faturamento de R\$ 110 milhões no ano passado. Além da indústria de calçados, os negócios incluem fábricas de embalagens, de fitas e de solado, que fornecem peças para a própria Via Scarpa e para o mercado como um todo. A empresa nasceu em 1992, num galpão de madeira, fundada por Laudir José Kammer, que até hoje continua à frente dos negócios, acompanhando de perto todas as etapas de produção das sandálias femininas, especialidade da marca. Ali são fabricados, em média, 14 mil pares por dia. “É cem vezes mais do que a gente fazia no começo, com 25 funcionários”, lembra Kammer.

Com um nome que faz referência a uma das

ruas mais charmosas de Milão, na Itália, a Via Scarpa foi mais uma entre várias iniciativas empreendedoras de Kammer – que decidiu logo cedo, aos 19 anos, que não trabalharia como empregado, e sim como dono do próprio negócio. Natural de Leoberto Leal, filho de agricultores, órfão de pai desde bebê, ele só deixou a roça aos 17 anos para trabalhar na refinaria de açúcar Usati, onde ficou por dois anos, até o seu fechamento. Decidiu então fazer o curso técnico em calçados enquanto montava o primeiro negócio, de fundo de quintal. “Estudar é importante, mas 90% do que aprendi foi na prática”, ressalta. Outra estratégia fundamental foram as viagens constantes a Novo Hamburgo (RS), referência nacional na indústria calçadista. “A cada 15 dias eu juntava o dinheiro que tinha e ia até lá, ver tudo de perto e fazer contatos”, afirma.

A trajetória de empreendedorismo inclui o desenvolvimento interno de equipamentos, como uma máquina para fabricação de tiras, e o “desbravamento” do mercado das regiões Norte e Nordeste do País. Esta história começou há mais

→



FOTOS: EDSON JUNIQUES

Rosi-Méri e Edson, da Menina Rio, e detalhes da fábrica (abaixo): aposta no segmento de infantojuvenis

de 20 anos, quase por acaso, com o telefonema de um representante comercial, Renato Lima, que atuava em Manaus e estava em busca de novas oportunidades depois de perder o vínculo de trabalho com uma fabricante gaúcha de calçados. “Ele se apresentou e disse que tinha um excelente negócio para propor. Contou que o mercado de lá tinha grande carência por sandálias. Desenvolvi um protótipo a partir das referências que ele me passou, enviei e começou aí uma parceria de muito sucesso”, lembra Kammer. Os dois estreitaram a relação de confiança a distância, pois demoraram três anos para se conhecer pessoalmente. Passadas mais de duas décadas, Renato continua

como parceiro fiel e imprescindível da Via Scarpa.

Uma das estratégias para enfrentar a concorrência chinesa é o lançamento constante de um número muito grande de modelos, cerca de 2.500 ao longo do ano, a cargo da equipe de criação composta por 20 profissionais. “O negócio é pegar logo a modinha, desenvolver, fazer e vender, tudo muito rápido. Os chineses não têm como acompanhar esse ritmo, porque os produtos demoram para chegar aqui”, revela. Assim, em vez de ser incomodada pela concorrência de outros países, é a Via Scarpa que tem encontrado mercado no exterior, exportando atualmente 20% de sua produção para cerca de 70 países.

Entre os principais atri-



butos da Via Scarpa como empresa estão a valorização da equipe e a forte ligação com a comunidade. O complexo industrial, com 25 mil metros quadrados, inclui creche para 45 filhos de funcionários, ginásio de esportes, refeitório, faculdade e até lar de idosos. Em 2004, Kammer adquiriu uma área de 69.500 metros quadrados de mata virgem, transformando-a em Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN).

Mascote

Casos de fábricas de calçados que surgiram mais recentemente e ainda assim encontraram espaço no mercado demonstram que o polo de São João Batista está longe da saturação. Um exemplo é a Menina Rio, fundada em 2004 para explorar o mercado de calçados infantojuvenis, a partir da conclusão de que era alta a concorrência no segmento adulto. Trata-se de uma sociedade de Rosi-Méri dos Santos Angeli com o marido, Edson Luiz Angeli, ambos nascidos ali mesmo em São João Batista. Ele, que começou a trabalhar com calçados aos 12 anos, cuida de toda a parte técnica, enquanto Rosi-Méri é a diretora administrativa – ela começou a trabalhar na roça, passou depois pela Usati e conheceu Edson trabalhando na mesma empresa calçadista, onde acumulou boa experiência em gestão de recursos humanos, contabilidade e controle de estoque, ao mesmo tempo que se formava em Administração e fazia especialização em gestão empresarial.

A empresa foi fundada num ano muito especial para o casal, o mesmo da chegada da filha, Imaiara, depois de algum tempo na fila de adoção. Ela tinha quatro anos e hoje está com 18, já trabalhando na área de marketing da empresa. O nome escolhido para a empresa faz referência à filha e à cidade do Rio de Janeiro, que o casal considera o símbolo do Brasil no exterior – a ideia de exportar já estava presente desde o início.

A INDÚSTRIA NO BRASIL

7.700 287 mil empregos
fábricas 950 milhões de pares

R\$ 20,8 bilhões
em receita

US\$ 998 milhões
em exportações

3º maior
produtor mundial
(atrás de China e Índia)



Obs.: Em 2017 – Fonte: Abicalçados

Hoje, 5% da produção de 40 mil pares por mês é vendida para países da América do Sul e da América Central, mas o objetivo é chegar a 25% com a recente estruturação da área de exportações.

A coleção da marca é composta por 200 modelos, com preço médio de R\$ 45. O número de produtos no portfólio se mantém estável por conta da estratégia de, a cada semestre, retirar os 50 menos vendidos e substituí-los por lançamentos, inspirados em viagens constantes que a equipe de estilo faz a grandes centros da moda. “Isso aqui é uma paixão. O segredo do sucesso está em fazer o que se ama”, diz Rosi-Méri, que apostou tanto no projeto da Menina Rio que há 14 anos tatuou a logo da empresa na mão direita. Seu estilo de gestão é estar sempre perto da equipe, participando de tudo. Na mais recente edição do campeonato interempresarial de vôlei, por exemplo, ela literalmente vestiu a camisa do time. “Só não entrei em quadra. Era mais uma mascote”, brinca Rosi-Méri, que muitas vezes se sente mais colega que chefe. ■

Chegaram as encomendas da indústria

IMPORTAÇÕES DE MATÉRIAS-PRIMAS E BENS DE CAPITAL SUSTENTAM O CRESCIMENTO INDUSTRIAL E POSICIONAM SANTA CATARINA COMO O SEGUNDO MAIOR POLO DO PAÍS EM COMPRAS EXTERNAS

Com reportagem de **Cristiano Maia**

Santa Catarina construiu a fama de estado exportador por causa do apetite de sua indústria pelo mercado externo. A indústria segue exportando, mas a balança comercial pendeu para o outro lado. Desde o início da década as importações são maiores que as exportações e elas ganharam relevância ao ponto de posicionar, em 2017, Santa Catarina como o



Insumos industriais correspondem à metade das importações de Santa Catarina

segundo maior importador do País, atrás somente de São Paulo. As compras externas pelo Estado se elevaram 21,4% sobre o ano anterior, totalizando US\$ 12,6 bilhões, iniciando um processo de recuperação depois de caírem em 2015 e 2016. Já as exportações somaram US\$ 8,5 bilhões em 2017, resultando em um déficit comercial de US\$ 4,1 bilhões para o Estado.

Engana-se, entretanto, quem enxerga nessa tendência um enfraquecimento da indústria, cuja produção poderia estar sendo substituída por artigos feitos em outros países. O grosso das importações – mais de 51% do total – é de insumos industriais, com destaque para produtos como catodos de cobre, fios sintéticos para a indústria têxtil, matérias-primas para o setor de plásticos e pneus de automóveis e caminhões (veja os quadros). Além de alimentar a indústria mais tradicional de Santa Catarina, as importações fomentaram a instalação de novos segmentos. Indústrias como as de processamento de cobre, química e automotiva ganham consistência no Estado ao mesmo tempo que aportam maiores quantidades de matérias-primas.

As importações também são veículo de modernização do setor. Entraram por Santa Catarina US\$ 2,3 bilhões em bens de capital em 2017, o que representou 18% do total das compras externas do Estado. Parte dessas máquinas equipou a indústria do cobre, que se especializa no

2º

Posição de SC entre os estados importadores

21,4%

Crescimento das importações catarinenses em 2017

7,4 milhões

de toneladas de mercadorias importadas

Fonte: MDIC



beneficiamento de material bruto que vem do Chile, transformando-o em bobinas de fios e vergalhões. Uma dessas empresas, a Cecil, originária de São Paulo, que inaugurou sua operação em Joinville em outubro do ano passado, investiu R\$ 60 milhões em equipamentos e novas tecnologias nos últimos três anos.

“O maior polo transformador de cobre do País está instalado no Perini Business Park”, informa Marcelo Hack, diretor-presidente do parque que é considerado o maior condomínio multisetorial do gênero no Brasil, em Joinville. No ano passado, as empresas do setor importaram US\$ 627 milhões, um crescimento de 26,3% na comparação com 2016. A Copper Indústria, fundada em 2008, supre de cobre os

fabricantes de fios e cabos para setores como automobilístico, telecomunicações, infraestrutura e construção.

“Decidimos nos instalar em Santa Catarina principalmente pelo incentivo fiscal oferecido pelo Estado e a proximidade aos portos. Mas logisticamente também é interessante para atendermos todo o Sul e estarmos a 12 horas de entrega dos principais clientes localizados no Sudeste”, afirma Alessandro de Souza Almeida, diretor executivo da Copper. “Também há a vantagem de Santa Catarina ser um polo industrial desenvolvido, com oferta de pessoal qualificado.” Diante do quadro positivo, Souza vai adian-

→



Produtos químicos: benefícios fiscais potencializaram importações pelo Estado

isso, mesmo com a redução ou o fim dos incentivos, as operações de importação devem continuar aquecidas”, acredita Djalma Vilela, presidente da Multilog, empresa de logística, armazenagem e transporte sediada em Itajaí.

Boa parte do cobre chileno chega pelo Porto Itapoá, no Extremo Norte do Estado. Em 2017, as importações pelo terminal cresceram 25%, contra 10% das exportações. Foram movimentados no terminal 612 mil TEUs (unidade de medida equivalente a um contêiner de 20 pés), contra 558 mil em 2016, e a previsão é chegar a 750 mil em 2018. Além do cobre, os maiores volumes de importações pelo porto estão concentrados na linha eletroeletrônica e peças automobilísticas. “No entanto, temos percebido um

te e identifica a formação de um polo de processamento de metais não ferrosos no Estado, que além do cobre inclui alumínio, zinco e estanho.

A questão dos incentivos fiscais citada pelo executivo é central para a transformação de Santa Catarina em uma plataforma de importações. Em 2004 o Estado passou a conceder benefícios fiscais, reduzindo substancialmente as alíquotas ou oferecendo diferimento parcial ou total do ICMS para produtos importados. Na época, as importações catarinenses não chegavam a US\$ 1 bilhão. Segundo a Secretaria de Estado da Fazenda, mais de mil empresas foram atraídas desde então. No caso da indústria do cobre, 10 laminadoras se instalaram no Estado em função dos benefícios. A partir de 2013 os incentivos se tornaram menos relevantes em função de um mecanismo criado para atenuar os efeitos da então chamada “guerra dos portos”. Ainda assim os importadores catarinenses usufruem de tratamento tributário diferenciado, que tem validade para os próximos oito anos. “Santa Catarina criou um ambiente muito favorável para operações de comércio exterior. Por

gar a 750 mil em 2018. Além do cobre, os maiores volumes de importações pelo porto estão concentrados na linha eletroeletrônica e peças automobilísticas. “No entanto, temos percebido um

Relevância crescente Importações de SC e participação no total do Brasil

Ano	Total (US\$ bilhões)	Participação
2010	11,98	6,5%
2011	14,84	6,5%
2012	14,55	6,5%
2013	14,78	6,2%
2014	16,02	7,0%
2015	12,61	7,3%
2016	10,37	7,5%
2017	12,58	8,3%



Fonte: MDIC



FOTOS: DIVULGAÇÃO

*Processamento
de cobre: maior polo
do País no Norte
catarinense*

importante aumento no segmento de polímeros, matéria-prima para a indústria plástica, e carga *reefer* (refrigerada), especificamente atum, frutos do mar e carnes nobres”, diz Cássio Schreiner, presidente do Porto Itapoá.

Fármacos

No Complexo Portuário de Itajaí, que inclui terminais em Itajaí e Navegantes, os números de importações (US\$ 6,32 bilhões em 2017) e exportações (US\$ 6,88 bilhões) são próximos. “Tivemos decréscimo das importações, mas agora, devido à retomada da demanda, estamos voltando a ter crescimento”, afirma Marcelo Werner Salles, superintendente do Porto de Itajaí. Do total das importações feitas pelo Complexo, que correspondem à metade do total realizado no Estado, ele avalia que quase 80% ficam em solo catarinense, pois são matéria-prima para a indústria de transformação. “Grande quantidade de cargas vai para o polo metalmeccânico do Norte, para as têxteis do Vale do Itajaí, para os ceramistas do Sul e moveleiros no Meio-Oeste.”

O setor têxtil ilustra bem a inversão da balança comercial do Estado. Era uma indústria exportadora, porém as vendas externas são hoje pouco significativas. Já a importação de matérias-primas via Santa Catarina segue tendência de crescimento, de acordo com Renato Valim, diretor executivo do Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário de Blumenau (Sintex). “As razões, além do aquecimento da economia, são o desembaraço aduaneiro mais rápido e os custos de logística portuária menores quando comparados a outros estados”, avalia.

Outros segmentos relacionados à importação movimentam a economia mesmo não envolvendo atividade industrial. A Multilog, que possui o maior recinto alfandegado da América Latina, impulsiona Itajaí a se tornar um centro de distribuição de produtos farmacêuticos, médicos e hospitalares. No ano passado foi inaugurado o centro de distribuição da BD, empresa líder global em tecnologia na área da saúde, dentro do complexo da Multilog. A expectativa é que, ainda neste ano, 40% de todo o faturamento da empresa seja gerado em Itajaí. Também dentro da companhia →



EDSON JUNIÉS

catarinense está o CD da Bom Logistics, operador de fármacos instalado desde 2013.

Segmento luxo

Joinville, por seu lado, torna-se um polo do setor químico, também fomentado pelo complexo da Multilog na cidade – a estrutura da empresa inclui centros logísticos e industriais aduaneiros, portos secos, centros de distribuição e terminal de carga aérea localizados em vários municípios da Região Sul do País. De acordo com o presidente Djalma Vilela, o Norte catarinense deverá continuar a exibir números crescentes na importação de peças para o setor automotivo e, em particular, no segmento luxo, por causa da fábrica da BMW em Araquari e dos sistemistas instalados na região de Joinville para atender a montadora alemã.

“O fato é que Santa Catarina tem características únicas. É um estado com cinco grandes e competitivos portos em um raio de 300 quilômetros”, diz Vilela. Ele se refere aos dois portos do Complexo de Itajaí, São Francisco do Sul e Itapoá no Norte e Imbituba no Sul, todos realizando investimentos em ampliação (leia matéria subsequente). Vale notar que o ambiente de concorrência existente entre os portos tem re-

Multilog: distribuidoras de remédios instaladas em seus complexos logísticos

Abastecendo a indústria | Como se dividem as importações feitas por Santa Catarina em 2017

Categoria	Valor (em bilhões)	Participação no total	Crescimento sobre 2016
Bens de capital	US\$ 2,27	18%	17%
Bens de consumo	US\$ 2,95	23,5%	20,7%
Bens intermediários (inclui insumos industriais)	US\$ 7,34	58,3%	23%

Fonte: MDIC

76,3%

Participação de insumos industriais e bens de capital no total de importações de SC



Inversão da balança: setor têxtil passou de exportador para importador

Principais itens importados (em jan-fev de 2018)



Fonte: MDIC/FIESC

lação direta com a atratividade de novos negócios para o Estado. “Assim como o Porto Itapoá, os demais portos de Santa Catarina entendem a concorrência como uma grande oportunidade para prestar um serviço de excelência. Quanto mais qualidade maior é o ganho para a economia e para o mercado catarinense como um todo”, afirma Cássio Schreiner, de Itapoá.

Isso se traduz em operações mais ágeis e custos mais baixos para os clientes. O poder público faz a sua parte em itens como a desburocratização nos processos de desembaraço, facilitando a redução de custos de armazenagem e otimização de prazos de entrega. “Há um ambiente favorável aos negócios em Santa Catarina, proporcionado por parcerias e bom relacionamento entre governo e iniciativa privada, que mantém o Estado atrativo para importa-

Estado, pontua Vilela, da Multilog.

“Em razão do fim dos incentivos fiscais, entendendo que haverá um crescimento geral das importações, bem distribuído em todos os setores da economia”, diz Marcelo Hack, do Perini Business Park. Mas é claro que nem todo o caminho para consolidar o Estado como um grande polo de comércio exterior está pavimentado. Os empresários do setor têm clareza de que é preciso realizar investimentos pesados em infraestrutura logística, ainda um gargalo para a competitividade. “É preciso duplicar a BR-101, que já está saturada, duplicar a BR-470 e termos um moderno aeroporto de cargas”, sugere Vilela. A matéria a seguir dá um panorama da situação da infraestrutura de transportes em Santa Catarina e as limitações que ela impõe a um crescimento econômico mais consistente do Estado. ■

Economia engarrafada

O POTENCIAL DE
CRESCIMENTO
DO ESTADO É
LIMITADO PELA
INFRAESTRUTURA.
A SOLUÇÃO É O
PLANEJAMENTO
INTEGRADO E
SISTÊMICO DO SETOR,
COM ÊNFASE NA
INTERMODALIDADE

Por **Vladimir Brandão**





BR-470, caminho para a produção de proteína animal chegar aos portos: tráfego é sete vezes maior que a capacidade

A retomada da economia movimentada Santa Catarina, literalmente. A indústria contrata trabalhadores, reativa linhas, recompõe estoques e compra máquinas, demandando mais insumos e elevando a oferta de produtos acabados que transitam pelo Estado. A produção agropecuária exige o transporte de volumes cada vez maiores. O crescimento do mercado doméstico e da economia mundial sustenta o aumento de movimentação nos portos, tanto em importações quanto exportações. Na base de todo esse vaivém, o tráfego de caminhões cresceu cerca de 15% em 2017, de acordo com a Federação das Empresas de Transporte de Carga e Logística do Estado de Santa Catarina (Fetrancesc), e deve se avolumar em mais 20% ou 25% neste ano.

São excelentes notícias que apontam para a superação de uma das maiores crises da história. Mas a sustentabilidade da reação é ameaçada pela limitação da infraestrutura logística. De acordo com a Câmara para Assuntos de Transporte e Logística da FIESC, o conjunto de estradas, ferrovias e aeroportos e até mesmo alguns aspectos dos portos do Estado não estão dimensionados para atender minimamente bem às demandas atuais, e menos ainda ao crescimento esperado. Outra dimensão do problema é que não há conexões entre os modais de transporte, o que impede ganhos de eficiência logística com a aplicação do conceito de intermodalidade.

“A infraestrutura é um gargalo crônico de Santa Catarina, é o maior obstáculo para termos um crescimento maior”, afirma Glauco José Côrte, presidente da FIESC. “O investimento no setor é baixíssimo, sobretudo do Governo Federal.” De acordo com dados do Monitora FIESC (monitora.fiesc.com.br), site que acompanha o andamento das obras no Estado, 34,1% das obras de transporte monitoradas estão atrasadas, e 47,7% estão com o andamento comprometido. Isso sem contabilizar os projetos que nem chegam a sair do papel,

→

como os das ferrovias Litorânea e da Integração (Leste-Oeste), ou os casos de aeroportos e estradas que precisam de reestruturação mas que não estão contemplados sequer em projetos.

No transporte aquaviário, em contrapartida, a expectativa é de ampliação, fato que pressionará ainda mais a infraestrutura dos demais modais. Está em curso uma onda sem precedentes de investimentos, principalmente privados, nos portos catarinenses. Considerando-se ampliações, novos terminais e a construção de um novo porto na Baía da Babitonga, que está em processo de licenciamento ambiental, a capacidade anual de movimentação de contêineres chegará a impressionantes 7,7 milhões de TEUs (unidade de medida equivalente a um contêiner de 20 pés) em 2021, mais que duplicando a capacidade atual. Para se ter uma dimensão desse número, o total movimentado em todo o Brasil em 2016 foi de 8,8 milhões de TEUs. As ampliações também incluem novos terminais graneleiros. O crescimento da movimentação impactará dramaticamente a malha viária caso não sejam implementadas alternativas logísticas. Um exemplo: o Porto Itapoá eleva de 500 mil para 2 milhões de TEUs/ano sua capacidade. Sua ocupação plena implicará em um acréscimo de 5,4 mil caminhões por dia nas estradas.

Uma das vias mais importantes para a movimentação portuária é a BR-470, que liga o Planalto e o Oeste catarinense ao litoral. A estrada foi projetada nos anos 1970 para 5 mil veículos por dia, mas hoje suporta 35 mil. A duplicação entrou em pauta nos anos 1990, porém só foi iniciada em 2014. De acordo com o edital, o término está previsto para 2018. Mas isso não vai acontecer. De acordo com o Monitora FIESC, o lote do entorno de Blumenau, que deveria ser concluído em 2017, estava parado no início de 2018, com apenas 6% das obras acabadas. Há vários trechos em que nada ainda foi feito. A estrada é estratégi-



ca para o desenvolvimento de Santa Catarina, pois por ela transita o grosso dos principais itens exportados pelo Estado – as carnes de frango e suína.

Três horas de atraso

Devido à condição sanitária – livre de febre aftosa sem vacinação e outras doenças – Santa Catarina é uma plataforma de exportações do agroindústria. O Estado foi pioneiro na exportação de carne suína para o Japão, tem elevado as exportações para a China e conquistou recentemente o mercado da Coreia do Sul. Apesar de problemas pontuais envolvendo a exportação de proteína animal, no longo prazo a tendência é de aumento da produção para atender à demanda crescente. É nesse contexto que se insere o projeto da Aurora, de Chapecó, de elevar a produção de suínos em 40% até 2025. Caso a duplicação da BR-470 não fique pronta, a empresa terá custos altos para levar as mercadorias aos portos. “As condições da estrada atrasam em até três horas a viagem do Oeste ao litoral”, afirma Ari Rabaioli, presidente da Fetranesc. “E o custo fixo de um caminhão é de R\$ 100 a hora, sem contabilizar aí o combustível e o desgaste de pneus e peças.”

Para a agroindústria também há entraves logísticos para a obtenção de insumos. São ne-



SHUTTERSTOCK

cessárias mais de 100 mil viagens de carretas por ano, desde a região Centro-Oeste, para abastecer o setor de milho. Além da longa distância, são péssimas as condições de tráfego dentro do Estado, nas BRs 163, 152 e em parte da 282. A infraestrutura de armazenagem de grãos é insuficiente e o setor reclama há décadas a criação de uma ligação ferroviária. Resultado: é mais caro produzir em Santa Catarina do que em outros estados – cerca de 5%, segundo cálculos setoriais. Investimentos que poderiam ser feitos localmente aca-

baram migrando e o Estado perdeu a liderança na produção e exportação de frangos. “A logística é um componente mais importante que o incentivo fiscal como fator de decisão para a instalação de indústrias”, diz Mario Cezar de Aguiar, primeiro vice-presidente da FIESC e presidente da Câmara para Assuntos de Transporte e Logística.

Falta de recursos e má gestão explicam as dificuldades em modernizar a infraestrutura catarinense. De um total de R\$ 11,9 bilhões previstos no Orçamento Geral da União para aplicação em obras federais no período 2007 a 2016, foram efetivamente gastos R\$ 5,7 bilhões (média de R\$ 570 milhões por ano), o equivalente a 47,9% do total. Porém, de acordo com a Agenda Estratégica da Indústria para a Infraestrutura de Transporte e Logística, elaborada pela FIESC, somente as estradas federais precisam de aportes anuais de R\$ 1,45 bilhão entre 2018 e 2021, para ampliações, restaurações e manutenções. As estaduais também recebem menos do que o necessário em conservação e manutenção. “É um patrimônio de Santa Catarina, avaliado em R\$ 25 bilhões, que está se deteriorando”, afirma Ricardo Saporiti, responsável

→

Impacto na infraestrutura

25%

Crescimento previsto do transporte rodoviário em 2018

110%

Elevação da capacidade portuária até 2020

22,5 mil

Caminhões por dia nas estradas para movimentar carga dos portos em 2020

Fontes: FIESC e Fetranesc



SHUTTERSTOCK

Agenda da Indústria

R\$ 5,1 bilhões/ano Investimento necessário para obras estratégicas

NECESSIDADES URGENTES



Rodovias | Ampliação da capacidade das BRs 280, 282, 470, 163 e 116; obras de conservação e manutenção nas rodovias estaduais e federais; planejamento de longo prazo da BR-101; construção de túnel do Morro dos Cavalos; obras de acesso a portos e aeroportos; concessões e PPPs



Portos | Adequação das bacias de evolução e canais de acesso para navios de 366 metros de comprimento, 52 metros de boca e 15,5 metros de calado

pela análise de rodovias para a FIESC.

A análise in loco de 4,4 mil quilômetros de rodovias federais e estaduais se deparou com incontáveis buracos, desníveis, afundamentos, trincamentos de asfalto, falta de acostamento e problemas de drenagem. Operações tapa-buracos não resolvem o problema e saem caro. Estudos técnicos indicam que para cada dólar não gasto com manutenção de estradas são gastos 4 dólares para a recuperação. É o caso das pontes Pedro

Ivo Campos e Colombo Salles, em Florianópolis, que ligam a ilha ao continente. Não receberam manutenção ao longo de 20 anos e terão que passar por um caro e complexo processo de recuperação. A má gestão se observa também na falta de planejamento, sobreposição de projetos, previsão orçamentária frágil, falta de comunicação entre órgãos e outros aspectos. As obras dos contornos ferroviários de Jaraguá do Sul, Joinville e São Francisco do Sul, por exemplo, começaram



*Pontes em
Florianópolis:
falta de
manutenção
custará caro*



Ferrovias | Implementação dos eixos Corredor Ferroviário Catarinense (Leste-Oeste), Ferrovia Litorânea e Ferrovia Norte/Sul; conclusão dos contornos de Jaraguá do Sul, São Francisco do Sul e Joinville



Aeroportos | Implantação e ampliação de rede de aeroportos regionais; atualização do plano aeroviário de Santa Catarina, que é de 1991



FILIPPE SCOTTI

no longínquo ano de 2001 e logo pararam devido a erros de projetos, questionamentos do Tribunal de Contas da União (TCU) e falta de recursos. “Teraplenagens realizadas erodiram e dormentes e trilhos que até há pouco tempo ficaram abandonados às intempéries se deterioraram”, descreve Egídio Martorano, executivo da Câmara da FIESC.

Um dos maiores nós da infraestrutura é o que enreda as ferrovias. As poucas estruturas existentes são antigas, possuem poucas conexões e nelas as composições trafegam a velocidades muito baixas. O modal responde por menos de 10% do volume de carga no Estado, operando principalmente com *commodities* e combustíveis. Na contramão dos principais portos do mundo e do País, os maiores portos do Estado não possuem ligações ferroviárias. Os projetos da Ferrovia Litorânea, capaz de integrar todo o sistema portuário catarinense à rede ferroviária nacional, e da Ferrovia da Integração, ligando o Oeste ao litoral e aos portos, prometiam modernizar a logística do Estado. Passadas quase duas décadas, os dois projetos atualmente em análise, conduzidos por órgãos distintos, já consumiram R\$ 21,8 milhões e não se consegue concluí-los. A definição do traçado da Leste-Oeste depende, dentre outras coisas, da

definição da Litorânea. Esta depende de entendimento com a Fundação Nacional do Índio (Funai) para a transposição do Morro dos Cavalos, em Palhoça, onde existe uma comunidade indígena e uma interminável polêmica sobre a legalidade de se construir ali um túnel. “Temos que respeitar a questão indígena, mas também a necessidade de toda a sociedade catarinense. Os trens tirariam milhares de caminhões das estradas e poderiam transportar pessoas, evitando acidentes, congestionamentos e poluição”, diz Mario Cezar de Aguiar.

Sistema de saúde

Acidentes nas estradas causam duas mortes por dia no Estado e deixam 39 pessoas feridas, em média. Geram custos com pensões, aposentadorias por invalidez e impactam o sistema de saúde. Calcula-se que um terço do orçamento dos hospitais dos centros urbanos é gasto com motociclistas acidentados. Para a indústria, os reflexos são lentidão, atrasos de entregas e avarias, o que implica em custos elevados de manutenção, fretes e seguros. A pesquisa Custos Logísticos na Indústria Catarinense determinou o custo no Estado em 13 centavos para cada real bruto faturado em 2017.





Causa e consequência



60% das obras de infraestrutura de transportes estão paradas ou atrasadas



14 dos 100 trechos mais perigosos das rodovias federais ficam em Santa Catarina



11% maior custo logístico do Estado em relação à média nacional

Fontes: FIESC e PRF

Estudo da Fundação Dom Cabral chegou a uma média para o País de 11,75% do faturamento, enquanto nos países mais competitivos oscila entre 6% e 8%. Contudo, boa parte do total deve-se a ineficiências da logística interna da própria indústria (leia a matéria subsequente).

Concessões e PPPs

A Agenda da Indústria lista obras fundamentais e ações gerenciais e políticas mais importantes para tirar Santa Catarina do buraco nesta área. Inclui a realização de concessões ou Parcerias Público-Privadas para conservar e construir estradas, considerando que os custos com pedágios são inferiores aos causados pela lentidão, acidentes e falta de conservação. Para os portos, a prioridade é adequar profundidades dos canais e áreas de manobra para navios de 366 metros de

comprimento, os cargueiros gigantes que conquistam fatias crescentes da navegação de longo curso. A criação de eficientes aeroportos de carga, por seu lado, permitiria a correção de uma distorção: mais de 90% das exportações por via aérea de produtos catarinenses têm que seguir de caminhão até aeroportos de outros estados.

“Porém, o mais importante é construir um planejamento integrado e sistêmico da macrologística catarinense, com ênfase na intermodalidade”, afirma Mario Cezar de Aguiar. A ideia é contemplar as possibilidades de conexões e interações entre os modais de transporte, aproveitando as melhores características de cada um, o que pode tornar Santa Catarina uma das mais importantes plataformas logísticas do País, defende Aguiar. A proposta da FIESC é a elaboração de estudo de um sistema intermodal que considere projeções de crescimento econômico, a expansão dos portos, os projetos ferroviários, a navegação de cabotagem e a infraestrutura já existente, além de atualizar o plano aeroviário do Estado. A própria Federação tem um mapa para balizar o planejamento: o Programa de Desenvolvimento Industrial Catarinense (PDIC 2022), que identificou os setores com potencial de futuro e sua inserção regional e já serve para orientar políticas públicas e a atração de investimentos para o Estado.

A FIESC já iniciou tratativas com o Instituto Fraunhofer, da Alemanha, dono de uma das mais reconhecidas expertises em intermodalidade no mundo, para a elaboração do estudo. Mas é preciso envolver as demais instituições responsáveis pelo setor e pelo desenvolvimento estadual para que se alinhe um projeto de estado, que independa de governos e seja capaz de endereçar de vez este que é um dos maiores e mais persistentes entraves para o desenvolvimento de Santa Catarina. “Devemos nos unir por esta causa. Merecemos uma infraestrutura muito melhor”, diz Glauco José Côrte, presidente da FIESC. ■



CORRIDAS DO BEM 5K/10K



FAZ POR VOCÊ, FAZ POR TODOS.

INSCRIÇÕES: CORRIDASDOBEM.COM.BR

PARTE DO VALOR DA SUA INSCRIÇÃO SERÁ DOADA A UMA ENTIDADE BENEFICENTE. PARTICIPE E AJUDE.

8 DE ABRIL CONCÓRDIA

Largada às 8h

22 DE ABRIL LAGES

Largada às 8h30

6 DE MAIO JOINVILLE

Largada às 8h

20 DE MAIO CHAPECÓ

Largada às 8h

1º DE JULHO BLUMENAU

Largada às 8h

22 DE JULHO TUBARÃO

Largada às 8h

5 DE AGOSTO RIO DO SUL

Largada às 8h30

19 DE AGOSTO CRICIÚMA

Largada às 8h

2 DE SETEMBRO BRUSQUE

Largada às 8h

16 DE SETEMBRO FLORIANÓPOLIS

Largada às 8h

23 DE SETEMBRO SÃO BENTO DO SUL

Largada às 8h

30 DE SETEMBRO SÃO MIGUEL DO OESTE

Largada às 8h

21 DE OUTUBRO JOAÇABA

Largada às 8h

11 DE NOVEMBRO ITAJAÍ

Largada às 8h

18 DE NOVEMBRO CAÇADOR

Largada às 9h

2 DE DEZEMBRO JARAGUÁ DO SUL

Largada às 8h

MODALIDADES

CORRIDAS DE 5K E 10K E CAMINHADA: LOTES COM VALORES PROMOCIONAIS. ANTECIPE SUA INSCRIÇÃO.

MARATONINHA: PARA CRIANÇAS DE 7 A 13 ANOS - DOE UM ITEM DE HIGIENE E INSCREVA-SE GRATUITAMENTE.

KIT

CAMISETA, SACOLINHA E OUTROS BRINDES DOS PATROCINADORES.

PREMIAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA NOS 5K E 10K E MANDALA PARA QUEM PARTICIPAR DE 5 ETAPAS.

Patrocínio:



Apoio:



Realização:





Ajustar o fluxo dá resultado

GRANDE PARCELA DO CUSTO LOGÍSTICO DAS EMPRESAS ESTÁ NOS ESTOQUES, MAS A GESTÃO EFICIENTE DA MOVIMENTAÇÃO INTERNA PODE PROVOCAR SALTOS DE PRODUTIVIDADE

A precariedade da infraestrutura de transportes é uma dor de cabeça para os empresários catarinenses. É o típico fator não gerenciável que caracteriza o ambiente de negócios a que todos estão submetidos. Mas o conceito de logística não está somente do lado de fora das empresas, nas estradas por onde trafegam trabalhadores, insumos e mercadorias. A movimentação interna, a armazenagem e os estoques também influenciam – e muito – o custo logístico da indústria. No Estado esse custo equivale, na média, a 13% do faturamento bruto, de acordo com a pesquisa Custos Logísticos da Indústria Catarinense, realizada pela FIESC e pelo Laboratório de Desempenho Logístico da UFSC. Desse total, mais da metade (8% do faturamento) refere-se a custos com estoques.

“O custo do estoque tem sido negligenciado

pela indústria”, afirma Carlos Taboada, coordenador executivo da pesquisa. “Ele às vezes é visto como investimento, mas se trata na verdade de capital imobilizado.” A crise evidenciou ainda mais a situação. Com a redução dos pedidos, matérias-primas e produtos acabados se acumularam em galpões, o que elevou o custo da estocagem e também ajudou a diminuir o peso relativo dos transportes na matriz de custos. A alta taxa de juros em 2015 (entre 7,25% e 10%), período dos dados informados pelas participantes da pesquisa, também influiu o peso dos estoques – no caso do setor têxtil ele chegou a representar, sozinho, 13% do faturamento bruto do setor.

A boa notícia é que há espaços para ganhos gerenciáveis pelas próprias indústrias. Os resultados do Instituto SENAI de Tecnologia em Logística indicam que a gestão da logística interna pode

ser uma fonte de ganhos extraordinários, com investimentos baixos. Desde 2014, mais de 500 empresas foram atendidas pelo Instituto por meio de consultorias. Ajustaram seus processos com redução de estoques, mudanças de layout, padronizações e eliminação de retrabalho, dentre outras ações. “Muitas dessas soluções não têm custo, pois só dependem de mudar a forma de trabalhar”, diz Geferson Luiz dos Santos, diretor de Consultoria e Metrologia do SENAI.

Os ganhos costumam ser vistosos nas pequenas indústrias que incorporam métodos como *kaizen* e o *lean manufacturing*. O grupo de empresas catarinenses que participou do programa Brasil + Produtivo, criado pelo Governo Federal e operacionalizado pelo SENAI até o ano passado, obteve ganhos de eficiência e redução de desperdícios acima de 40%, na média. Entre as grandes empresas, com processos mais avançados, os ganhos percentuais não são tão elevados, mas podem corresponder a valores significativos devido à maior escala. Com o



EDSON JUNKES

“Com a implantação do lean manufacturing aumentamos a rentabilidade e passamos a vender muito mais”

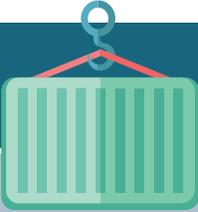
Lino Rohden

uso de sistemas de simulação computacional, por exemplo, pode-se aprimorar um processo ou projetar uma ampliação de unidade com a melhor configuração possível. “A simulação pode considerar milhares de variáveis”, afirma Santos.

Na Rohden Vidros, de Taió, empresa com 220 funcionários, o SENAI auxiliou na implantação do *lean manufacturing*, o que melhorou os fluxos internos e reduziu as perdas pela metade. A companhia recebe chapas de vidro e realiza corte, usinagem, serigrafia e têmpera,

esta para aumentar a resistência dos vidros que vão equipar cooktops e refrigeradores industriais, dentre outros produtos. Um ano após a formação de times para identificar gargalos e realizar melhorias nos processos, a unidade saiu de uma situação de rentabilidade zero para lucro de 10% sobre o faturamento. Com a melhoria da qualidade e dos prazos de entrega, o volume de vendas dobrou e os funcionários passaram a ter participação nos resultados. “O moral dos times se elevou. Agora

é cristalizar essa cultura na empresa e buscar ainda mais engajamento”, diz o presidente Lino Rohden. ■



O peso logístico | Custo em relação a cada real faturado pela indústria em SC (em R\$)

	Suprimentos	Distribuição física	Custo logístico total
Transporte	0,01	0,03	0,04
Estoque	0,03	0,05	0,08
Armazenagem	-	0,01	0,01
Subtotal	0,04	0,09	0,13*

* TOTAL. Fonte: Pesquisa Custos Logísticos da Indústria Catarinense – LDL/FIESC





*Turma do SENAI
Conecte em
Florianópolis: lições
de liderança e de
autoconhecimento*



Juventude 4.0

NOVOS FORMATOS DE ENSINO
DESPERTAM O INTERESSE DOS JOVENS
PARA A TECNOLOGIA, A INOVAÇÃO E O
EMPREENDEDORISMO, PREPARANDO-OS
PARA UM MUNDO DO TRABALHO EM
PROFUNDA TRANSFORMAÇÃO

Por **Vladimir Brandão, Mauro Geres, Léo Laps, Lilian Simioni e Aleksandro Vanin**

EDUCAÇÃO

.....

Seer jovem no Brasil não é fácil. Se ele deseja trabalhar, enfrenta a barreira do desemprego: quase 30% dos brasileiros entre 19 e 25 anos de idade estavam nesta condição no fim de 2017, a maior taxa registrada desde 1991, de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT). Segundo relatório do Banco Mundial, 52% dos jovens perdem o interesse pelos estudos e correm o risco de não se inserir no mercado. A causa é o sistema educacional falho e desconectado das necessidades das empresas. Os chamados “nem-nem”, que não trabalham, não estudam, nem buscam se qualificar são 20,5% da população de 14 a 29 anos, segundo o IBGE. A condição os expõe mais aos riscos, que no Brasil podem ser fatais. Todos os anos há mais de 30 mil assassinatos nesta faixa etária – metade do total do País, de acordo com o Atlas da Violência. Na comparação com a juventude mundial, a situ-

ação é de dar pena e tirar o sono. A última edição (2015) da pesquisa Global Index, do instituto francês Youthonomics, situava o jovem brasileiro na posição 54 em um ranking de 64 países em relação à sua qualidade de vida atual. No quesito “perspectivas para a juventude” o Brasil ficou na penúltima posição, à frente só da Croácia.

Mas as coisas não precisam se encaminhar desta forma trágica. Há fatos, ações e exemplos se desenrolando no País – e particularmente em Santa Catarina – que indicam a possibilidade de um presente menos hostil e um futuro mais promissor para os jovens. A história de Bruno D’Ávila Gruner, de 22 anos, um brasileiro campeão mundial, se insere nessa categoria. Desde cedo ele se deu conta do poder da educação para a vida. Aprendeu isso com os pais e se tornou um aluno extremamente dedicado, que nunca mediu esforços para se aprimorar. O resultado mais vistoso



“Podemos ter uma indústria top de linha. A dedicação para fazer cada vez melhor e a criatividade para a inovação devem estar dentro de cada um para evoluirmos juntos”

Bruno Gruner, 22 anos

“É preciso encarar os problemas como desafios, e você só vai evoluir ao conseguir resolver os problemas. Para isso, é preciso ter a mente aberta a novos conhecimentos”

Harrison Douglas dos Reis, 19 anos



EDSON JUNES

e que se envolvem diretamente com a melhoria da qualidade da educação. Encarna algumas das melhores possibilidades para a juventude e para a indústria. Ambos encontram-se em encruzilhadas, e o caminho que será trilhado poderá determinar os seus futuros. Posto dessa forma pode soar dramático, mas tudo indica que a situação é essa mesmo. Quanto ao futuro dos jovens, os dados exibidos anteriormente dão uma dimensão do desafio. E, nesta matéria, há consenso: se não houver um avanço notável na extensão e na qualidade da educação, o Brasil ficará cada vez mais distante do sonho de se tornar um país de renda alta. Um estudo do Banco Mundial apontou que, ao ritmo atual do avanço da educação, o Brasil levará 260 anos para atingir o mesmo nível educacional dos países desenvolvidos em leitura, e 75 anos em matemática. Como consequência a produtividade do trabalho no Brasil estagnou-se em nível baixo e fica cada vez mais distante dos líderes, cuja taxa evolui constantemente.

“Não existe país rico no longo prazo que não tenha produtividade”, afirma Ricardo Paes

de Barros, economista-chefe do Instituto Ayrton Senna (IAS). “Produzimos muita educação, mas totalmente desconectada da produtividade.” É fato. Uma pesquisa do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) destacou a dificuldade dos jovens brasileiros na transição entre o ensino médio e o mundo do trabalho, em função não apenas da fragilidade dos conhecimentos mas também por não terem as chamadas competências socioemocionais bem desenvolvidas. Trata-se de habilidades como facilidade para trabalhar em grupo, capacidade de resolução de problemas, criatividade e espírito empreendedor, consideradas essenciais para a geração de resultados na indústria contemporânea. Isso ajuda a explicar por que cada ano de escolaridade gera US\$ 3,5 mil a mais de produtividade por trabalhador na China e US\$ 3 mil a mais no Chile, enquanto no Brasil gera apenas US\$ 0,2 mil por série adicional, de acordo com cálculos do IAS.

Não se trata, portanto, de apenas manter os jovens na escola e de ampliar a cobertura do ensino, mas de transformá-los profundamente. O

desafio é da nação, porém é particularmente crítico para a indústria. O motivo: há uma mudança de paradigma em curso no setor. “Com a chegada da indústria 4.0, os profissionais precisam estar preparados para enfrentar diversas situações, devem ser capazes de resolver problemas e inovar em processos. É um cenário bem diferente do que se tinha antigamente, quando muitos trabalhadores eram somente apertadores de parafusos”, compara o jovem mestre Bruno Gruner.

O desafio de preparar os jovens para o mundo do trabalho e da produtividade é multidimensional. Além de superar as limitações do ensino fundamental e manter aceso o interesse pela escola e o conhecimento, a educação deve despertar nos alunos a vocação para a tecnologia e ajudar a desenvolver as habilidades socioemocionais adequadas ao ambiente de transformação, em que profissões tradicionais deixam de existir e no qual a maioria das crianças de hoje trabalhará em

funções que ainda não existem. O Movimento Santa Catarina pela Educação, iniciado em 2012 pela indústria, articula as federações empresariais e todas as entidades ligadas à educação no Estado na busca de soluções nessa direção. “Está mais do que na hora de se pensar numa concepção inovadora para a educação”, diz Glauco José Côrte, presidente da FIESC. “A escola precisa ser mais atrativa e mais dinâmica, para formar profissionais e cidadãos mais preparados para um mundo em permanente transformação.”

Parceria com a NASA

Algumas iniciativas já obtêm bons resultados comprovando que, se receberem o estímulo correto e a metodologia adequada, os jovens catarinenses respondem a altura. Uma dessas iniciativas, ligada ao ensino da robótica, deu uma nova perspectiva para Harrison Douglas dos



COLOQUE SEU FUTURO EM PRÁTICA.

PLANEJE SUA APOSENTADORIA COM O INDÚSTRIAPREV.

O INDÚSTRIAPREV é um plano de previdência complementar exclusivo para você que move a indústria catarinense, estendendo-se ainda a cônjuges e dependentes econômicos. Aproveite este privilégio!

MAIS SEGURANÇA

Modelo de conta individual, onde os participantes e seus beneficiários são donos do saldo.



PROTEÇÃO

Desde o momento da contratação, o participante tem acesso à proteção em caso de morte ou invalidez total e permanente.



FLEXIBILIDADE

Plano com adesão empresarial ou individual



0800 48 8088
previsc.com.br/industriaprev
atendimento@previsc.com.br

FIESC **CIESC**

PREVISC

Reis, de 19 anos, natural de Joinville. Da mesma forma que muitos de sua geração, ele concluiu o ensino fundamental de forma apática. “Sentia a falta de uma forma mais atraente de ensino”, afirma. Em 2013, no contraturno escolar, Harrison decidiu participar do curso de robótica do SESI, voltado a crianças e adolescentes. O curso mistura aprendizado com brincadeira, tanto que os robôs são montados pelos alunos com peças da Lego. Mas, apesar do caráter lúdico, a iniciativa é poderosa, pois é capaz de despertar nos jovens o interesse pelas profissões tecnológicas. Foi exatamente o que aconteceu com Harrison.

“Meu despertar aconteceu quando um professor conseguiu me instigar a ir atrás das coisas”, conta o jovem, que começava a se interessar por computação e percebeu que precisaria entender o que representavam alguns gráficos das aulas de matemática para os quais, ainda no fundamental, não deu muita bola. “Instigado”, foi atrás de conteúdo por conta própria e se deu conta de uma importante situação do ambiente de ensino. “O aluno tem que dar o passo, mas se o professor ajudar, isso vem naturalmente.” Tanto que se tornou, ele próprio, mentor de outros alunos que compõem a equipe de competição do SESI no torneio de Robótica First Lego League. E decidiu fazer carreira na tecnologia: desde o ano passado é aluno de engenharia de controle e automação. Seu futuro, diz, tanto pode ser na indústria, na área de automação de processos, como em sala de aula ensinando matemática ou física.

A robótica é uma das ações do SESI dedicadas a “fisgar” estudantes e apresentar-lhes novas perspectivas. Há também cursos de matemática, ciências e comunicação e mídia, em que os aprendizes podem desenvolver protótipos e jogos. Esses cursos foram incorporados à filosofia Maker de ensino, voltada ao princípio do “aprender fazendo” e que valoriza os aspectos colaborativo e coletivo do aprendizado. Os Espaços Maker, que serão 12 em Santa Catarina até o final do ano, oferecem impressoras 3D, drones, robôs e componentes eletrônicos, além de um formato de ensino estimulante para a criatividade e a inovação. “Os jovens estão ávidos por processos de aprendizagem que envolvam teoria e prática”, afirma Fabrizio Machado Pereira, superintendente do SESI catarinense.

“A FIESC, por meio de suas entidades, busca desenvolver conhecimentos avançados para aplicar na área de educação”, diz Jefferson Gomes, diretor regional do SENAI de Santa Catarina. Um exemplo é a parceria firmada com a NASA, a agência espacial norte-americana, para a troca de conhecimentos, intercâmbio de estudantes e profissionais e a incorporação de novas metodologias de ensino. Recentemente, o SENAI se tornou exemplo global no uso de tecnologia para tornar as aulas mais dinâmicas e interessantes. A unidade de Tubarão foi a primeira escola do Sistema S no Brasil a receber o certificado Google for Education, como escola referência no uso da plataforma – o convênio é fruto de uma parceria do Movimento Santa



Google For Education

SENAI de Tubarão recebeu o certificado de referência para o uso da plataforma



“Dependendo da maneira que se cria, que se educa, que se ensina, os jovens podem dar sua contribuição para o desenvolvimento da indústria e do País”

Mélanie Zmorzynski, 17 anos

Catarina pela Educação com a Google, que levou a ferramenta a escolas do SENAI e Sesi e da rede pública do Estado. O SENAI ajusta continuamente os seus cursos de acordo com a evolução das demandas da indústria e das características dos jovens. Criou um centro de desenvolvimento de produtos para acelerar esse processo. A meta é que a cada ano ao menos 40% da receita venha de produtos educacionais novos, que não existiam quatro anos antes.

Lançado em 2017, o SENAI Conecte, um curso de ensino médio integrado ao Técnico em Informática que pode ser concluído em apenas três anos, é um deles. No período da manhã os alunos têm aulas regulares dos currículos do ensino médio e técnico integrados, planejadas de maneira interdisciplinar. No contraturno são oferecidos programas para estimular o desenvolvimento de projetos e de competências como lógica da programação, fluência em inglês, protagonismo, liderança, empreendedorismo, origi-

nalidade, organização e autoconhecimento. São os chamados clubes, e os alunos são livres para escolher quantos e quais querem fazer, e ainda têm a liberdade de propor o que querem trabalhar. Pelas salas, alguns têm aulas de empreendedorismo enquanto outros jogam videogame, e aqueles que resolveram montar uma banda de rock têm a tutoria de um produtor musical. No laboratório se trabalha a montagem de satélites e a modelagem de objetos em impressoras 3D montadas pelos alunos. “O jovem deve entender e se expressar com fluência em três línguas: português, inglês e programação – é uma forma de pensar útil para qualquer profissão”, diz Roberto de Medeiros Júnior, diretor do SENAI/CTAI.

Espaço aberto

A metodologia também privilegia a solução de problemas, que são apresentados diretamente por empresas e instituições parceiras. →

Convívio de gerações

Além de incorporar os jovens, indústria atualiza os veteranos e forma equipes mistas

A indústria conta com os jovens para se modernizar. Ambiciona a energia juvenil e procura gente com conhecimentos técnicos na área digital e competências como criatividade, espírito positivo e capacidade de trabalhar em time. Há, entretanto, uma qualidade difícil de encontrar nos jovens, ávidos por resultados pessoais imediatos: a resiliência. A avaliação é de Carlos Francisco da Rosa, diretor em Santa Catarina da Lee Hecht Harrison, consultoria de desenvolvimento de talentos e transição de carreira. “Os jovens geralmente são impacientes e não lidam bem com frustrações. Não entendem como a vida corporativa funciona”, afirma Rosa.

Para Jefferson Gomes, diretor regional do SENAI-SC, o importante é que as pessoas se-

jam jovens de espírito, não necessariamente de idade. Nesse sentido, diz, observa-se atualmente certa inversão de papéis. Enquanto os jovens se acham donos da verdade, os maduros são mais flexíveis e capazes de se abrir a novas conexões. Com a desvantagem de não terem a mesma energia para o aprendizado. O melhor é incentivar o convívio. “Tem que haver balanço nos grupos de trabalho, não apenas etário, mas também de gênero”, defende Gomes.

400 mil
Trabalhadores da
indústria de SC
precisam ser
permanente-
mente
requalificados

Um dos desafios da indústria é atualizar os veteranos, pois, em linhas gerais, estão com conhecimentos insuficientes ou defasados. O SENAI Nacional avalia ser necessário qualificar 13 milhões de trabalhadores da in-

dústria até 2020. A Ciser, fabricante de porcas, parafusos e fixadores, com sede em Joinville, subsidia os estudos de seus funcionários por meio do programa Formar. No caso dos veteranos, ou *baby boomers*, como diz o gestor de pessoas Leandro José Soares, 25% já pos-

Em novembro foi realizado o Grand Prix de Inovação. Durante 30 horas consecutivas de desafio, equipes de alunos trabalharam – em modo de cocriação em ambiente de inovação aberta – ideias, protótipos e projetos para solucionar problemas reais. Para Mélanie Zmorzynski, de 17 anos, a estrutura favorece a interação, e os professores se importam com o aluno, que tem mais opções de escolha. “A escola não é um processo unilateral, cada parte tem sua visão. Quando podemos colocar nossas opiniões é sinal que estamos em um espaço aberto a trocas, afirma. O formato é uma resposta à falta de

significado do ensino médio para boa parte dos jovens – no Brasil, quatro em cada 10 não concluem a etapa. “Para a maioria ele é apenas uma passagem, um caminho para o ensino superior, como se passar no vestibular fosse a última ou maior conquista de uma pessoa. Há muita distância entre o que se faz nas escolas e o que se exige na vida”, diz Medeiros Júnior.

À parte as experiências inovadoras como o SENAI Conecte, o processo de modernização do sistema educacional deu passos importantes com a reforma do ensino médio e a aprovação da Base Nacional Comum Curricular, referente



CLEBER GOMES

Pepe: formação básica e profissional realizada em paralelo ao trabalho na indústria

suem curso superior. “Além disso, investimos na formação de lideranças trabalhando temas como a administração de conflitos e gerações, para que não haja distanciamento em razão da diferença de idade.”

Com o apoio do programa, o operador de máquina Paulo Rogério Pepe está perto de concluir o curso superior de tecnólogo de

produção industrial, aos 45 anos de idade. Fez vários cursos desde que entrou na empresa em 1987, quando sequer tinha a educação fundamental completa. Somando o programa de lideranças com o que já aprendeu no curso, Pepe garante que o entrosamento com os mais jovens melhorou. “Temos uma troca de experiência mais produtiva e todos ganhamos.”

à educação infantil e ao ensino fundamental, que estabelece diretrizes curriculares das escolas. Em Santa Catarina houve avanço na rede pública, com a oferta de educação integral em várias escolas. A modalidade inclui a formação de competências socioemocionais e a ideia de protagonismo do estudante no processo de aprendizado. A formação dos professores passa pelas parcerias firmadas no âmbito do Movimento Santa Catarina pela Educação. O Instituto Ayrton Senna capacitou mais de 600 docentes da rede pública estadual antes do início do ano letivo. O IAS também desenvolveu a série de

cursos on-line Educação Integral para o Século 21, em parceria com a FIESC e a Fecomércio. A meta é realizar 30 mil matrículas de professores até 2019. Em outra ação, docentes da rede municipal de Joinville foram capacitados por meio de uma metodologia inovadora desenvolvida em Singapura para o ensino de ciências e matemática, fruto de uma parceria da FIESC, no âmbito do Movimento, do IAS e a Secretaria de Educação de Joinville. “Sem professores qualificados e valorizados, nenhum sistema educacional produzirá bons frutos e nenhuma educação será transformadora”, afirma Glauco José Côrte. →

EDUCAÇÃO

.....

Um dos diferenciais dos avanços educacionais em Santa Catarina é a voz ativa dos principais interessados, os jovens. O programa Conexão Jovem, ligado ao Movimento, estimula estudantes a apresentar ideias e desenvolver projetos para melhorar suas escolas e o jeito de aprender. Conta com 32 jovens líderes, dois em cada região do Estado, denominados embaixadores da educação. No final do ano passado eles conseguiram

um feito memorável. Organizaram o Workshop Conexão Jovem, com o objetivo de debater propostas para tornar a educação mais atraente. Foram 16 eventos simultâneos pelo Estado, que contaram com 3,8 mil participantes presenciais e mais de 90 mil pessoas nas redes sociais.

“Foi a maior mobilização de estudantes da história de Santa Catarina para debater educação”, conta Anderson Rauber da Silva, inte-

→



ARQUIVO FIESC

Tem mercado, falta gente

8,4%

Jovens brasileiros matriculados no ensino médio e na educação profissional

50%

Proporção dos jovens da Europa que fazem esta opção

“Há uma oportunidade de carreira pouco conhecida no Brasil. Um jovem que faz ensino regular ao mesmo tempo do técnico se forma e se emprega muito mais cedo. Com a renda pode financiar um bom curso superior de tecnologia, depois fazer um bacharelado e chegar ao mestrado profissional”

Gustavo Leal, diretor de operações do SENAI Nacional

90% das empresas brasileiras têm dificuldade de encontrar profissionais qualificados quando a economia cresce

Fonte: CNI

MASTER IN BUSINESS ADMINISTRATION

SMART



Específico



Mensurável



Atingível



Relevante



Tempo
Otimizado



MBA

**GESTÃO ÁGIL
DE PROJETOS**

MBA

**GESTÃO DE EQUIPES DE
ALTO DESEMPENHO**

Para inscrições, acesse: sc.senai.br/cursos

Com tecnologia:



FIESC SENAI

A visão dos jovens

Proposições para a educação elaboradas pelos participantes do Workshop Conexão Jovem

- 1 Aproximar a família da escola** e conscientizá-la da importância de acompanhar a vida escolar dos filhos
- 2 Clima favorável ao aprendizado;** repensar as aulas e preparar melhor os professores
- 3 Valorizar os professores,** em especial pelo uso de diferentes técnicas e ferramentas
- 4 Dar oportunidade à participação efetiva dos alunos** e assegurar infraestrutura adequada nas escolas
- 5 Práticas pedagógicas com foco na resolução de problemas** e uso de tecnologias e metodologias inovadoras; professor como mediador da aprendizagem
- 6 Desenvolvimento de competências socioemocionais** requeridas pelo mundo do trabalho e necessárias ao desenvolvimento pessoal
- 7 Desenvolvimento da criatividade** e da capacidade de inovar
- 8 Valorização da educação** profissional técnica de nível médio
- 9 Preparação para o mundo do trabalho** e para a construção do projeto de vida dos jovens
- 10 Aprendizado** sobre empreendedorismo, gestão, liderança, bem-estar, qualidade de vida, profissões do futuro, processos criativos e educação financeira

Fonte: Movimento Santa Catarina pela Educação

grante da assessoria executiva do Movimento e responsável pelo Conexão Jovem. Durante os eventos foi realizada uma pesquisa com os participantes, que puderam registrar suas impressões sobre a educação que é praticada atualmente no Estado e levantar uma agenda de proposições (veja o quadro). “A expectativa é que com isso os jovens possam influenciar as políticas públicas e privadas de educação”, diz Rauber.

Cidadãos atuantes

Bianca Carvalho e Nathalia da Luz são as embaixadoras do programa em Blumenau. Durante o workshop lhes chamou a atenção a percepção dos jovens de que as escolas não estão atendendo aos seus anseios, pois eles querem aulas dinâmicas e práticas e mais conteúdos que envolvam empreendedorismo, gestão e liderança. “Os jovens querem ter um protagonismo maior. Se todo mundo só reclama, somos nós, a nova geração, que pode fazer a diferença. Vejo muitos jovens com vontade de mudar as





“O mercado quer pessoas que saibam liderar, que saibam expor suas ideias e dar sua opinião. A escola pode preparar melhor o estudante para essa realidade profissional”

Bianca Carvalho, 18 anos

Bianca e Nathalia: influenciadoras de jovens da região de Blumenau

coisas e, para isso, saber empreender e liderar é essencial”, avalia Bianca, de 18 anos, que agora cursa o primeiro semestre de Marketing na Universidade Regional de Blumenau e, dentro dela,

faz parte da Aiesec, um dos maiores movimentos de liderança estudantil do mundo. Para elas, é essencial que a sala de aula traga mais que conteúdo e que o professor cobre mais que notas. “Quando você está na escola se pergunta o porquê de estar aprendendo isso e aonde isso vai te levar. Acredito que a pessoa tem que pensar não só na nota, na posição no mercado ou como vai utilizar tal conteúdo na vida, mas em ser um cidadão mais atuante”, argumenta Nathalia, de 17 anos, que pretende cursar Ciências Sociais quando finalizar o ensino médio.

Como jovens embaixadoras da educação, a dupla assume um papel inevitável de exemplo para estudantes de comunidades mais carentes como a do Bairro Fidélis, onde fica a Escola de Ensino Básico Jonas Rosário Coelho Neves, uma das duas instituições de ensino de Blumenau que recebem projetos do Conexão Jovem (a outra é a Escola Básica Municipal Almirante Tamandaré, na Ponta Aguda). “Acaba sendo normal ter a noção de que qualquer mudança é algo muito



FLIPE SCOTTI

grande e complicado de acontecer. Mas não é. E o ambiente e as conexões ajudam muito. Antes eu estudava em uma escola onde não havia essa mentalidade de mudança, de ação. Você percebe que nesses lugares o aluno não encontra perspectivas e começa, ele mesmo, a fechar a cabeça para as oportunidades”, analisa Nathalia. “Quando mostramos que somos como eles e estamos tentando fazer algo diferente, é um grande incentivo para todos”, conclui Bianca.

Em cada escola, o primeiro passo é ouvir os próprios estudantes e também pais, profes-

res e gestores em encontros dentro da instituição. Em seguida, é elaborado um plano de ação junto às interlocutoras do Movimento e à diretoria. Na Jonas Neves, um dos objetivos deste ano é realizar melhorias na biblioteca. Formar e melhorar grêmios estudantis, capacitar professores para o uso de tecnologias em sala de aula, realizar palestras com pais sobre

Autonomia e oportunidade

Programa Novos Caminhos abre perspectivas para jovens em situação de acolhimento

O jovem João Germano*, de Lages, quer prestar vestibular para Direito em 2019, quando completa 18 anos. Ele, que já trabalha, vai sair da casa onde vive e morar sozinho. Nada anormal para uma pessoa desta idade. Mas a história que precede este planejamento exigiu muito mais do que disciplina nos estudos. Ele precisou de muita força de vontade para vencer os obstáculos que a vida lhe impôs. Abandonado aos oito anos, reside em um abrigo. “Eu sonhava com um futuro melhor e muitos riam de mim, mas eu não deixei de acreditar e sigo determinado.”

No ano passado Germano se ligou ao Novos Caminhos, um programa de preparo emocional, capacitação, profissionalização e encaminhamento ao mercado de trabalho dos adolescentes que deixam os abrigos ao atingir a maioridade. Fruto da parceria entre várias entidades, o programa busca oferecer



*Evento de confraternização do programa:
800 jovens beneficiados*

perspectivas a esses jovens, em geral de baixa escolaridade e pouca ou nenhuma experiência ou qualificação profissional. “O objetivo é dar a chance de uma vida adulta com qualidade, assegurando autossuficiência, dignidade e o pleno exercício da cidadania”, afirma a coordenadora Bianca Pauletti.

A formação é oferecida pelo IEL, SESI, SENAI e SENAC em 76 municípios. Na primeira etapa são criadas turmas de iniciação profis-

sexualidade, drogas, finanças e a importância da participação deles na vida escolar são algumas das outras ações que as duas escolas devem receber ao longo de 2018. Trabalhando localmente, as embaixadoras acreditam que é possível fazer da educação um instrumento de mudança cada vez mais forte no País. “Nossas ações atingem outras pessoas, mudam o seu

pensamento, e são essas pessoas que vão mudar a realidade”, acredita Nathalia.

Dentre as proposições apresentadas pelos jovens a partir do Workshop Conexão Jovem, uma delas chama a atenção pela ênfase no aprendizado do empreendedorismo, gestão, liderança e processos criativos. Sinal de que eles estão atentos a uma tendência preocupante para o seu futuro profissional: a menor oferta de empregos, principalmente de baixa qualificação, na indústria 4.0, devido à crescente automação de processos e à aplicação de tec- →



ARQUIVO/FIESC

sional, informática e temas socioemocionais. Depois há cursos de aprendizagem, qualificação, técnico e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Germano fez, em paralelo com o EJA, cursos de comunicação e oratória, apresentação pessoal e informática, que o ajudaram a vencer a timidez e a usar o computador. Neste semestre cursa

Rotinas Administrativas e Almoxarife. “Estou buscando sabedoria. Quero aprender e alcançar meus objetivos. Serão meses, anos, mas eu vou chegar lá”, diz.

Em Santa Catarina, cerca de 450 adolescentes de 14 a 18 anos vivem em abrigos, que ainda acolhem outras mil crianças de até 13 anos. Loriene Camargo, de Florianópolis, praticamente foi criada em um deles. Aos 16

entrou para o programa, fez capacitações e ganhou autonomia. “Eu só fazia o que os outros diziam que seria bom para mim. Então comecei a definir o que quero e tracei uma meta para chegar lá.” Germano conquistou o primeiro emprego com carteira assinada no ano passado, como recepcionista de um hotel. Loriene terminou um estágio obrigatório e procura emprego. De 800 jovens

que passaram pelo programa, 200 já conseguiram oportunidades no mercado.

(*) Nome fictício

Entidades participantes

- Tribunal de Justiça (TJ-SC)
- Associação dos Magistrados Catarinenses
- Ministério Público do Estado
- Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/SC)
- Fecomércio
- FIESC



JUNIOR DUARTE

“Teremos muitas oportunidades, mas é importante que as pessoas não fiquem estagnadas nos seus mundinhos e que continuem buscando novos conhecimentos”

Thales, Duan e Caroline, da PackID, de Chapecó: planejamento claro e ambição global

Caroline Dallacorte, 26 anos

nologias como internet das coisas e inteligência artificial. Por outro lado, a própria noção de indústria está se alterando. O setor está cada vez mais entrelaçado ao setor de serviços, que se incumbem de desenvolver soluções para gerar inovações e melhores resultados para a indústria. É nesse arranjo que se encontram as melhores oportunidades. “Em Santa Catarina há um ecossistema empreendedor muito forte, que oferece grandes oportunidades para os jovens”, diz Thaynan Mariano Costa, CEO do Ideia Labs, uma organização criada para apoiar novas empresas.

Um dos bons exemplos vem de Chapecó. Os jovens sócios da startup PackID Soluções em Tecnologia, Caroline Dallacorte, de 26 anos, Thales Akimoto (26) e Duan Bressan (25), empreendem no negócio, mas também, diariamente, no modo como pensam, planejam, executam

e projetam as atividades da empresa. Possuem uma mentalidade francamente voltada à inovação, buscam networking qualificado e mantêm as antenas ligadas às oportunidades.

A PackID resolve problemas de temperaturas na cadeia de distribuição. Atua com a indústria de alimentos, mas tem potencial para expandir para medicamentos e outros produtos sensíveis à variação de temperatura. O foco é na prevenção de perda de cargas, com o monitoramento da temperatura e emissão de alertas para evitar o desperdício. A empresa, incubada na Incubadora Tecnológica da Unochapecó (Inctech), oferece a solução com hardware e software. “Temos os sensores com radiofrequência que fazem a medição da temperatura. Acompanhamos a temperatura em tempo real através de um aplicativo ou do software pelo navegador

web”, explica Carol. O acompanhamento é feito em várias fases: na indústria, nas câmaras frias, no transporte, no centro de distribuição e nas gôndolas dos supermercados.

A equipe tem um planejamento claro, sonha alto e sabe que pode realizar. “A perspectiva é nos tornarmos referência na área de controle de temperatura e umidade mundialmente”, diz Duan. Com menos de dois anos, a startup coleciona prêmios, reconhecimento e incentivos – inclusive financeiros. Foi um dos cem empreendimentos selecionados, no primeiro semestre de 2016, pelo Programa Sinapse da Inovação, da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc). Receberam um aporte de R\$ 60 mil. Também em 2016 ficaram em primeiro lugar no Admacon Berlin, receberam € 10 mil e participaram de um período de aceleração. A PackID foi premiada em pelo menos outros seis editais.

Engenheira de Alimentos formada em 2014, Carol chegou a trabalhar na indústria. Mas mudou o foco e a visão durante o mestrado em Tecnologia e Gestão da Inovação. Não tinha despertado ainda para sua capacidade empreendedora. A mudança de mentalidade foi tão rápida que, além de ter a ideia do empreendimento, ela começa, em 2018, a ministrar aulas no curso de Administração. Chamou Thales para trabalhar junto. Ele trancou o curso de Engenharia Elétrica (a família tem empresas nesta área) depois de perceber que se interessava por assuntos como inovação e empreendedorismo. Nasceu no mesmo ano que o pai saiu

de uma grande indústria para montar sua própria empresa – parece coincidência. “O espírito empreendedor nasceu comigo. Acompanhei a jornada do meu pai e sempre tive vontade de ter o meu próprio negócio.”

Complementares

Duan é da área da tecnologia e percebeu antes mesmo de começar a graduação que a criatividade é um diferencial. Quis acelerar a formação. Aproveitou disciplinas já cursadas na Ciência da Computação em outro curso, de Sistemas de

Informação, para poder se graduar rapidamente e iniciar um MBA em Criatividade, Inovação e Empreendedorismo. Antes já atuava em startups. Buscava – e busca, assim como Carol e Thales – participar de eventos e conhecer pessoas com as quais possa aprender.

O sentimento colaborativo está na essência do empreendimento. “O time é maior que uma ideia”, destaca Duan. “A multidisciplinaridade entre os sócios é muito importante”, diz Carol. E Thales arremata: “A gente se complementa nas qualidades e se ajuda nos defeitos.” O perfil dos três fecha com o que eles próprios consideram que vem sendo e será, cada vez mais, essencial nos profissionais procura-

dos pelo mercado: o movimento, a expansão dos conhecimentos. “A mudança faz parte da próxima revolução que vem aí, da indústria 4.0. Estamos vivendo a era do conhecimento. Teremos muitas oportunidades, mas as pessoas precisam mudar, ser flexíveis”, prevê Carol. ■



Administradores de causas nobres

DIVIDINDO O TEMPO ENTRE A GESTÃO DE SUAS EMPRESAS E O TRABALHO VOLUNTÁRIO, INDUSTRIAIS DE SANTA CATARINA CONTRIBUEM PARA MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA EM SUAS CIDADES

Por **Mauro Geres** e **Lilian Simioni**



Em Caçador, cidade de 72 mil habitantes do Meio-Oeste catarinense, o empresário Leonir Tesser, hoje com 52 anos, ergueu uma empresa notável ao lado da esposa, Lire. A Temasa iniciou as atividades em 1990, quando o jovem casal comprava um único metro cúbico de madeira de cada vez para fazer portas e janelas. Hoje a indústria produz móveis, tem 600 colaboradores e processa 5 mil metros cúbicos de pinus por mês. Tudo é exportado para a Europa, Japão, China, Rússia, Islândia, Estados Unidos e Canadá. Os resultados significam uma contribuição e tanto para o desenvolvimento social e econômico da região e mesmo do País, considerando a entrada de divisas proporcionada pelas exportações. Mas coube a Tesser dar uma contribuição de outra natureza para sua cidade: ajudar a salvar o único hospital local. Não com contribuições financeiras, mas com sua capacidade gerencial e a visão de quem conseguiu sair do zero para estruturar uma empreitada vencedora no mundo dos negócios.

Em 2013 a dívida do Hospital Maicé, mantido pelas Irmãs da Congregação dos Santos Anjos, chegou a R\$ 2 milhões e a direção anunciou a intenção de fechar as portas. O aviso pegou de surpresa a população. Uma reunião emergencial com as principais lideranças da região, na Associação Empresarial de Caçador (ACIC), foi o ponto de partida para a solução da crise. No encontro foi definida a criação de um conselho com participação de 12 entidades, entre empresariais, profissionais e do setor público. Tesser, então diretor financeiro da ACIC, assumiu a presidên-

cia do conselho e articulou uma série de iniciativas para, literalmente, ressuscitar o hospital. No primeiro ano foram arrecadados R\$ 700 mil por meio de campanhas e doações e obtidos mais de R\$ 1 milhão através de projetos e emendas parlamentares. Com isso, Tesser pôde colocar em prática um plano de melhorias na estrutura física e equipamentos. “Implantamos três novos leitos de UTI e inauguramos, em julho de 2016, a nova UTI com dez leitos”, recorda.

Com o ajuste fiscal promovido na instituição, no ano passado veio mais uma conquista: a inauguração da nova Urgência e Emergência com 600 metros quadrados, além da compra de equipamentos de alta tecnologia. Os recursos vieram do Governo do Estado, de emendas

parlamentares e de uma doação da família Adami, que controla indústrias na região. A reestruturação do prédio inaugurado em 1979 segue em curso. Entre os planos figuram as habilitações para serviços de cardiologia e transplante renal e mais 10 leitos de UTI, subindo o total para 30. Além de uma reforma para garantir melhor padrão aos leitos do SUS (Sistema Único de Saúde), a

construção de um novo centro cirúrgico e a reforma da UTI antiga.

“Todo o dinheiro que entra no hospital é aplicado em obras, equipamentos e ações para melhorar e ampliar o atendimento”, explica o gestor, que trabalha voluntariamente. “Vendo os números, percebo a dedicação do conselho em levar as obras em frente. Eles são incansáveis”, atesta a irmã Odete Maria Morandi, tesoureira da Congregação dos Santos Anjos. Tesser faz questão



“A melhora da saúde da população passa pela melhora da saúde financeira do hospital”

Leonir Tesser | presidente da Temasa e do conselho do Hospital Maicé, de Caçador

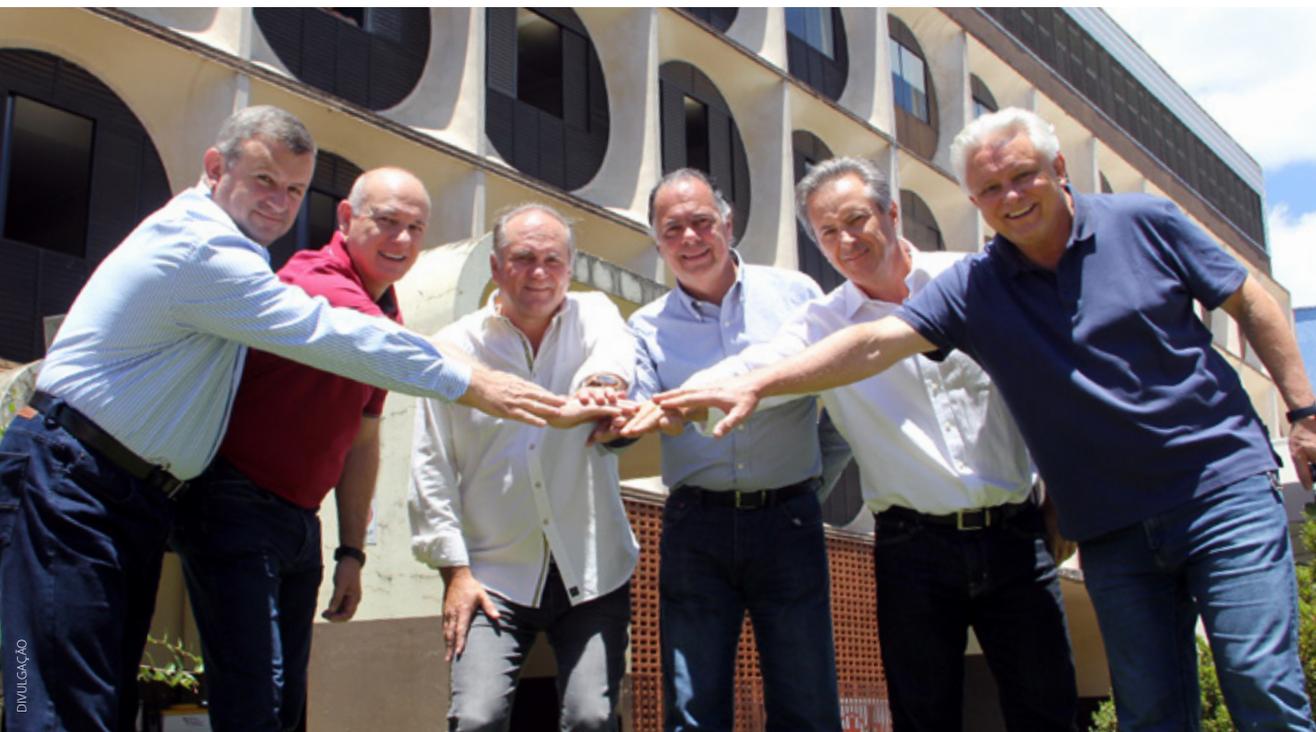
de pontuar que a recuperação do hospital é fruto do envolvimento de toda a comunidade de Caçador. Dentre os empresários, ele destaca o apoio de Henrique Basso, Gilberto Seleme, João Machiavelli, Moacir Salamoni, Claudinei Bertotto e Neoberto Balestrin, que são membros do conselho consultivo do hospital. Em 2017 o Maicé realizou 171 mil atendimentos, sendo 141 mil pelo SUS, o que representou crescimento de 15% sobre 2015.

Fazer acontecer

O caso do hospital de Caçador remete ao do Hospital São José, de Jaraguá do Sul. Por volta de 2004, as irmãs da Divina Providência procuravam reiteradamente a Associação Empresarial de Jaraguá do Sul (Acijs) em busca de recursos para a instituição de saúde. Faltava dinheiro para comprar equipamentos e até para pagar salários. Os empresários ajudavam, mas logo perceberam que o socorro pontual não afastaria o risco de o

hospital quebrar, prejudicando seriamente a população. “Era preciso repensar o modelo de gestão e participar ativamente na busca de uma solução definitiva”, lembra Vicente Donini, 75 anos, presidente do conselho de administração da Marisol, indústria do setor de confecções, e de outras três empresas. Ele foi um dos artífices da parceria que envolveu empresários para a recuperação e ampliação do hospital. “Gostamos de fazer acontecer”, afirma Donini. A frase alude à vocação para a ação aliada à capacidade gerencial, características de empreendedores bem-sucedidos que têm feito a diferença em projetos sociais como o do Hospital São José.

Para encaminhar a solução do problema, um acordo de gestão foi firmado entre a Acijs e a entidade mantenedora. Paulo Luiz da Silva Mattos (ex-presidente da associação) comandaria o conselho deliberativo, enquanto Donini presidiria a comissão de construção. Para dar conta da administração de suas empresas e da recuperação do



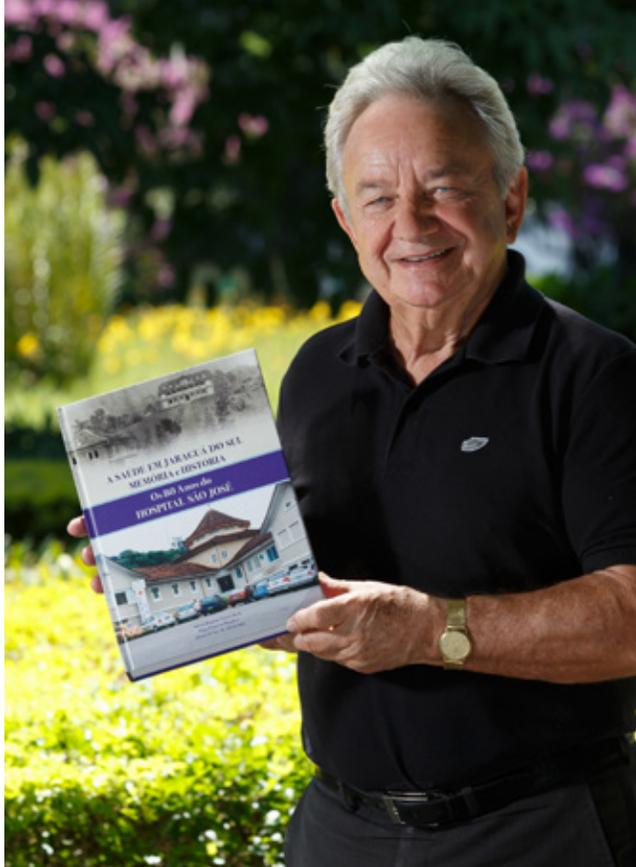
Balestrin, Tesser, Machiavelli, Seleme, Salamoni e Basso, conselheiros do Hospital Maicé: atendimento ampliado

São José, Donini se desdobrava. “Sempre estive muito presente”, diz, referindo-se aos 20% de sua agenda dedicados ao trabalho voluntário, tanto no período em que presidiu o conselho da construção como também na segunda fase, quando foi presidente do conselho deliberativo, cargo exercido até o ano passado.

No período, o investimento somou R\$ 85 milhões, entre reformas, ampliação e aquisições de equipamentos. A maior parte dos recursos saiu de doações de empresários, além de complementações do Governo do Estado e da prefeitura. “Do hospital antigo só restaram as paredes”, assinala Donini. A área construída triplicou e o hospital se tornou referência em traumatologia, microcirurgia, oncologia e, desde 2017, realiza transplantes de fígado e rins. Transplantes de pâncreas e córneas poderão ser realizados ainda este ano.

Contando com serviços mais complexos, ainda assim o hospital segue próximo da população: 78% dos atendimentos são via SUS, e o restante é dividido entre planos de saúde e consultas particulares. Mesmo sem a correção da tabela de procedimentos do SUS há 16 anos, o São José esbanja saúde financeira. Para Donini, o resultado é fruto de um detalhado e meticuloso trabalho. “Não tem milagre. É gestão, gestão e gestão. Sem conhecer suas fontes de recursos, não é possível administrar. É preciso racionalidade. Tendo pouco ou muito dinheiro, tem que ser gerido”, ensina Donini.

O engajamento do empresariado a causas sociais é marcante em Jaraguá do Sul. “Há muito envolvimento em áreas como a educação,



CLEBER GOMES

Donini, com livro sobre hospital: não tem milagre, é gestão

a saúde e a cultura”, afirma Célio Bayer, 64 anos, presidente da Indumak e vice-presidente regional da FIESC. Ele próprio é um nome tradicional do voluntariado local. Desde 1980 atua em ações ligadas à Igreja Católica, trabalho que acabou

aproximando-o da Associação dos Amigos do Autista (AMA). Na entidade, já são mais de dez anos de trabalho em diversas funções, incluindo a presidência. Atualmente é tesoureiro. “É muito gratificante. Trata-se de uma oportunidade para crescer como ser humano.” A AMA atende 106 pessoas e suas famílias em cinco programas distintos, contando com equipe própria de especialistas. “Além disso, somos mais de 80 voluntários”, diz Bayer. →



“A vida é feita de escolhas. Nós escolhemos construir uma cidade melhor, e quanto mais a gente dá, mais a gente recebe”

Vicente Donini | presidente do conselho da Marisol e ex-presidente do conselho do Hospital São José, de Jaraguá do Sul



JUNIOR DUARTE/ZAQ DESIGN

Akimoto com crianças do Projeto Viver: trabalho de base em bairro industrial de Chapecó

Em Chapecó, o empresário Nelson Akimoto, 53 anos, também usa sua experiência e criatividade em favor da comunidade. Engenheiro electricista, ele desembarcou na cidade em 1988 para trabalhar na Sadia. Após cinco anos tornou-se empreendedor criando a Nord Automação, que posteriormente se tornou Nord Electric. Na empresa, implantou desde cedo conceitos de sustentabilidade que só seriam disseminados mais tarde. Seus valores – trazidos da família, ou atribuídos aos ensinamentos da Logosofia, que estuda há anos – nunca se distanciaram da busca pelo sucesso dos negócios. Ao mesmo tempo ele procura fazer a leitura dos contextos sociais, e agir. Assim o fez quando ingressou na diretoria da Associação Comercial e Industrial de Chapecó (ACIC), no ano seguinte ao da inauguração de sua empresa.



***“Ser empresário
passa por várias
vidas. E uma delas
é justamente
estar envolvido na
comunidade”***

Nelson Akimoto | presidente da Nord Electric e diretor do Programa Viver, de Chapecó

“Quando você participa, começa a ver outra parte da comunidade, e a empresa depende dessa comunidade. É lá que moram seus colaboradores, é onde vivem nossos filhos. Se há problemas de violência, nós e nossas famílias estamos sujeitos a sermos vítimas.” Akimoto articulou apoios a várias instituições, envolvendo outros empresários. Como no caso de um leilão promovido pela APAE há alguns anos, cujo prêmio seria uma camiseta da Chapecoense autografada pela equipe que subiu da série C para a B do Campeonato Brasileiro. Akimoto propôs que cada empresário presente e participante do leilão – que tinha lances secretos – também ganhasse uma camiseta autografada, desde que doasse o valor que havia dado de lance. A iniciativa viabilizou a execução de uma obra e ainda



PROGRAMA INTERNACIONAL
DE EDUCAÇÃO EXECUTIVA DO IEL - 2018

CULTURA PARA INOVAÇÃO

Desenvolvendo uma cultura inovadora
alinhada à estratégia da empresa.

RESERVE ESTA DATA

17/09 a 19/09/18

carga horária 20h

Início dia 17.09.18

às 15h

Florianópolis - SC

Informações: (48) 3231-4619

e-mail: educacaoexecutiva@ielsc.org.br

FIESC ≡ **IEL**

**ISE**
Business School

envolveu o time com a instituição, pois os jogadores passaram a fazer ações junto às crianças.

Hoje em dia o empresário atua diretamente no Programa Viver, realizado no Bairro Quedas do Palmital, vizinho de sua empresa. Iniciado há 25 anos, o projeto quase fechou as portas, mas agora recebe a ampliação de salas de aula e a oferta do curso de panificação, que se somou a diversos cursos profissionalizantes oferecidos. Voltado às crianças e adolescentes com atividades educativas, culturais e esportivas, o programa passou a ter, com o ingresso de Akimoto na diretoria, uma gestão profissional.



“Nossa maior conquista é poder compartilhar a alegria de formar, a cada dia, pessoas melhores”

Franke Hobold | diretor da Plasson e presidente do conselho do Bairro da Juventude, em Criciúma

Inicialmente ligado a uma sociedade espírita, o projeto se tornou uma ONG.

Para envolver empresários na causa, Akimoto convocou uma reunião da ACIC com as empresas do parque industrial do bairro e escolheu como local a sede do programa. Muitos, segundo ele, sequer conheciam a iniciativa. “Depois da reunião, mostramos o programa. Muitos ficaram admirados. Aí fiz

uma pergunta: ‘Algum de vocês já foi assaltado ou teve a empresa arrombada aqui?’ Não, nunca fomos, foi a resposta. Então, nem vou pedir nada. Vocês já estão devendo ao programa. Mais de mil adolescentes já foram atendidos aqui no bairro. Se há alguma segurança é porque já houve um trabalho de base, que segue sendo feito”, relata. A partir daí foi lançada uma campanha de sócio mantenedor com contribuições financeiras mensais e vários voluntários se apresentaram. O programa tem o apoio da prefeitura municipal e da Câmara de Vereadores e recebe recursos da Justiça Federal para a ampliação do espaço.

Parceria com empresas

Crianças e adolescentes também são o foco do projeto Bairro da Juventude, em Criciúma. Inicialmente chamada de Sociedade Criciumense de Auxílio aos Necessitados, a entidade foi criada em 1949 por iniciativa do Rotary Clube e funcionou como internato até 1975, quando foi eleito o primeiro conselho deliberativo. Hoje o conselho é presidido pelo empresário Gilberto Francisco Hobold, mais conhecido como Franke Hobold, que está envolvido com o projeto há quase 20 anos, como voluntário ou apoiador. Para ele,



Hobold: trabalho voluntário e resultados concretos



Projeto Bairro da Juventude, em Criciúma, oferece educação, alimentação, esportes e lazer a 1.500 pessoas

tão importante quanto arrecadar recursos é dar transparência à aplicação do dinheiro. “É preciso mostrar serviço.”

E serviço é o que não falta no Bairro da Juventude. Diariamente são atendidas 1.500 pessoas carentes, entre crianças a partir de quatro meses, adolescentes, jovens e suas famílias. Eles contam com creche, ensino fundamental e profissional em um turno, além de outras atividades no contraturno como aulas de música e prática de esportes. Mais de 200 pessoas – entre funcionários e voluntários – trabalham na instituição. Parte delas está ligada à Escola Padre Paulo Petruzzellis, que funciona no próprio bairro. “Não cobramos nada. Aqui fornecemos todas as refeições e atividades educacionais, além do transporte. Mas só atendemos pessoas que comprovam ser carentes”, explica Hobold.

O projeto conta com mais de 30 tipos distintos de receitas. A maior parte é fruto de programas das leis de incentivo ao esporte e cultura e de deduções do Imposto de Renda (leia mais sobre essas leis na matéria subsequente). Outra parte vem de parcerias com empresas. Alguns supermercados, por exemplo, repassam parte

da receita obtida em promoções específicas. As campanhas ajudam a melhorar a estrutura. Em novembro o bairro ganhou um centro multiuso. Os R\$ 2 milhões aplicados vieram de doações de empresas e do Governo do Estado. Uma das metas para este ano é encaminhar mais 300 jovens ao mercado de trabalho. Graças a um convênio com o SENAI são oferecidos cursos de mecânico de automóveis, eletricitista e pedreiro no próprio bairro. O Bairro da Juventude é reconhecido como uma das melhores ONGs do País, e no final do ano passado recebeu o Prêmio Itaú-Unicef.

Aos 59 anos, Hobold divide seu tempo entre a entidade e a Plasson, uma companhia de capital israelense sediada em Criciúma. Ele é sócio e diretor-geral da fornecedora de equipamentos e serviços para avicultura e suinocultura, que tem 600 funcionários. Com 20% da produção exportada, faturou R\$ 290 milhões no ano passado. Entre viagens ao exterior e reuniões e eventos no Bairro da Juventude, Hobold contabiliza os desafios que tem pela frente. “Precisaríamos atender umas mil crianças a mais”, calcula. Sinal de que ainda há espaço de sobra para as boas ações empresariais em favor de suas comunidades. ■

Miriam e Maria Tereza no novo ambulatório do Cepon e equipamento de radioterapia (detalhe): fontes alternativas



Não custa apoiar bons projetos

LEIS DE DEDUÇÃO FISCAL PERMITEM QUE EMPRESAS DIRECIONEM RECURSOS ÀS COMUNIDADES ONDE ATUAM EM VEZ DE OS ENVIAREM PARA BRASÍLIA NA FORMA DE IMPOSTO DE RENDA. PROGRAMA FUNDO SOCIAL ORIENTA AS AÇÕES

Por **Alexsandro Vanin**



O Centro de Pesquisas Oncológicas, em Florianópolis, é referência em sua área em Santa Catarina e o destino seguro até de pacientes de outros estados. Neste primeiro semestre, com a inauguração da nova ala cirúrgica, será capaz de fazer todos os procedimentos no local, tornando-se um dos centros de oncologia mais modernos e completos do País. Tais resultados, no entanto, não são sustentados apenas pelo seu orçamento anual, de R\$ 72 milhões, cuja principal fonte é a Secretaria de Estado da Saúde e é destinado quase que na totalidade para a manutenção da infraestrutura, pagamento de funcionários, atendimento a pacientes e realização de procedimentos. Com exceção dessa ala de cirurgias de alta complexidade, construída com recur-

sos do BNDES, praticamente todas as verbas para investimentos em melhorias são provenientes do Programa Nacional de Apoio à Atenção Oncológica (Pronon), uma das leis de incentivo baseadas no princípio da renúncia fiscal, e também aquelas captadas em editais, em emendas parlamentares, por entidades voluntárias parceiras e até mesmo via *crowdfunding*.

“É necessário complementar a receita e buscar fontes alternativas na sociedade, além de parceiras que ajudam no atendimento de pacientes, na captação de recursos para melhorias e na sensibilização de empresários. É uma rede que se forma para atender a todas as demandas”, afirma Miriam de Andrade, diretora da Fundação de Apoio ao Hemosc e Cepon (Fahece), responsável →

INCENTIVOS

pela gestão do centro. A causa sensibilizadora e a notoriedade do Cepon ajudam na captação, mas a Fahece também conta com um setor específico para esta tarefa e a elaboração de projetos. Desde 2013, quando o Pronon entrou em vigor, a Fahece captou R\$ 5,3 milhões para seis projetos, como reforma do ambulatório para implantação do serviço de adolescentes e jovens adultos (15 a 29 anos), que já beneficiou mais de 4 mil pessoas, e a implantação do sistema de mapeamento corporal de sinais para prevenção e detecção precoce de melanoma, o tipo mais grave de câncer de pele.

Medo infundado

A partir do ano passado, a Fundação passou a contar com um aliado na tarefa de captar recursos: o projeto Fundo Social, criado pela FIESC para sensibilizar e mobilizar organizações na utilização das várias leis que permitem aplicar parte dos impostos devidos diretamente em projetos locais. Indústrias de Jaraguá do Sul, por meio da articulação do Fundo Social, ajudaram a viabilizar a aquisição de um acelerador linear para a unidade de radioterapia do Cepon, única no Estado a oferecer



tratamento de radiocirurgia e radioterapia de intensidade modulada. O investimento permitirá à unidade passar de 1 mil para 3,5 mil atendimentos por ano, de acordo com Maria Tereza Schoeller, diretora do Cepon.

Os resultados dão uma dimensão do potencial existente: diversas leis de incentivo permitem que as empresas de lucro real destinem até 9% do IRPJ devido para projetos nas áreas de cultura, saúde, esporte, infância e adolescência, e idosos.

\$em mexer no bolso

Empresas de lucro real podem destinar até 9% do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ) para projetos em várias áreas por meio das leis federais

Lei Rouanet e Lei do Audiovisual

A Rouanet é a maior financiadora da cultura no Brasil. A Lei do Audiovisual é voltada para obras cinematográficas e audiovisuais. Elas permitem o abatimento de 100% do valor investido do IR a ser recolhido, até o limite de 4% do total devido (considerando a soma dos projetos enquadrados nas duas leis).

Abatimento no IRPJ: 4%

Lei de Incentivo ao Esporte (LIE)

Permite o investimento de até 1% do que a empresa pagaria de IR em projetos esportivos aprovados pelo Ministério do Esporte. Entre 2007 e 2015, destinou mais de R\$ 1,6 bilhão em 3,3 mil projetos.

Abatimento no IRPJ: 1%



TEATRO | O Escola Vai ao Teatro é um dos projetos incentivados mantido pela Sociedade Cultura Artística de Jaraguá do Sul (SCAR), voltado à formação de plateia. Em muitos casos, este é o primeiro contato do aluno com uma peça

DIVULGAÇÃO

Mas somente 30% do potencial de recursos de renúncia fiscal, estimado em R\$ 200 milhões ao ano, é aplicado por cerca de 2 mil indústrias de Santa Catarina que teriam este direito, de acordo com levantamento da FIESC. Em outras palavras, são R\$ 140 milhões que saem do Estado e dificilmente serão devolvidos pelo Governo Federal na forma de investimentos ou serviços. Para a diretora executiva da Sociedade Cultura Artística de Jaraguá do Sul (SCAR), Edilma Lemanhê, isso acontece

porque há desconhecimento de como funciona o mecanismo e de como a cultura, por exemplo, pode influenciar positivamente a marca de uma empresa e a sociedade como um todo. “Esse desconhecimento gera até um medo infundado. Há empresários que temem usar incentivo fiscal por achar que a burocracia é complicada ou que vão sofrer fiscalização mais rigorosa.”

Desde que as leis de incentivo à cultura surgiram, ainda na década de 1980, a SCAR buscou essa alternativa, inicialmente para a construção do Centro Cultural e depois para realização de projetos. Porém, muitas entidades voltadas aos temas contemplados pelas leis as desconhecem, especialmente as leis mais recentes, como o Pronon e o Programa Nacional de Apoio à Atenção da Saúde da Pessoa com Deficiência (Pronas/PCD). “De todas as cidades onde temos operação industrial →

Programa Nacional de Apoio à Atenção Oncológica (Pronon)

Sua finalidade é captar e canalizar recursos para a prevenção e o combate ao câncer, por meio de projetos aprovados no Ministério da Saúde. *Abatimento no IRPJ: 1%*

Programa Nacional de Apoio à Atenção da Saúde da Pessoa com Deficiência (Pronas/PCD)

Apoia projetos voltados a prevenção, diagnóstico precoce, tratamento, reabilitação e indicação e adaptação de órteses, próteses e meios auxiliares de locomoção, em todo o ciclo de vida. *Abatimento no IRPJ: 1%*

Fundo da Infância e Adolescência (FIA)

O objetivo é captar e aplicar recursos destinados a ações de atendimento a este grupo etário. Uma de suas fontes de receita é a dedução fiscal.

Abatimento no IRPJ: 1%

Fundo do Idoso

Destina-se a financiar programas e ações que assegurem seus direitos sociais e a promoção da integração efetiva na sociedade. Uma das fontes de receita também é a contribuição de dedução fiscal.

Abatimento no IRPJ: 1%

(12 em seis estados), apenas duas entidades ligadas a hospitais filantrópicos apresentaram projetos”, informa Hilton Faria, diretor de RH e Relações Institucionais da WEG. O diretor administrativo-financeiro da Urbano Alimentos, Jaime Franzner Junior, acrescenta ainda a dificuldade de os projetos chegarem às empresas certas, tanto por falha dos responsáveis nas entidades quanto pelas indústrias, que não destinam tempo e energia para pesquisar e selecionar as oportunidades, além de dúvidas em relação à seriedade das propostas e seus proponentes.

O programa Fundo Social tem justamente o objetivo de difundir a cultura do incentivo fiscal e promover o encontro entre todas as partes envolvidas, valendo-se da representatividade da FIESC e da

capilaridade do SESI, presente em praticamente todos os municípios do Estado. “Fazemos um trabalho constante de articulação e atuação em rede para incentivar a aplicação desses recursos no desenvolvimento social de nosso Estado”, diz Carlos Roberto de Farias, diretor de Marketing e Relacionamento com o Mercado da FIESC. As atividades do Fundo Social começaram por Jaraguá do Sul, em 2017, e até o fim de 2019 o programa deverá estar em funcionamento em todas as regiões.

O programa realiza seminários e leva o assunto às empresas que podem participar, fornecendo informações sobre os mecanismos do projeto e sobre os ganhos que se pode obter com o apoio às causas sociais e culturais. A capacitação de entidades do terceiro

setor ocorre em parceria com a Engie Brasil Energia, que desde 2016 promove palestras e oficinas gratuitas, através do programa Capacitar, para ensinar as organizações a elaborar e propor projetos e prestar contas nos órgãos responsáveis. Também serão feitas publicações conjuntas para disponibilizar esse conteúdo. No âmbito do Fundo Social, o Capacitar já foi realizado em Jaraguá do Sul e em Joinville, envolvendo 350 agentes e promotores sociais de mais de 180 entidades.





MÚSICA | Duas Rodas apoia o Festival de Música de Santa Catarina (Femusc) desde a sua primeira edição, em 2006. Hoje é considerado o maior festival-escola brasileiro, com mais de 300 alunos e 40 professores do Brasil e de mais de 20 países



“Queremos unir esforços com o intuito de contribuir para uma atuação em rede”, afirma Júlio César Lunardi, diretor administrativo da Engie, uma das poucas empresas do Estado a alocar 100% dos recursos incentivados – um investimento total de R\$ 17 milhões em todo o País, sendo a maior investidora por meio da Lei Rouanet em Santa Catarina e uma das 10 maiores do Brasil. Em 2017, foram avaliados em torno de 2,5 mil pedidos de projetos nas regiões das 31 usinas que a empresa possui – mais de 80 municípios em 16 estados. “Uma de nossas estratégias em Responsabilidade Social é a utilização máxima dos recursos incentivados”, conta Lunardi.

Plataforma de gestão

Os projetos aprovados podem ser incluídos em uma carteira de oportunidades do Fundo Social. Um grupo com representantes locais da FIESC, SESI, associação comercial e industrial, prefeitura, entidades do terceiro setor e indústrias é montado para selecionar projetos conforme sua qualidade, notoriedade e contribuição para a melhoria do Índice de Desenvolvimento Humano do

município. “Ao avaliar os projetos e a idoneidade das entidades, o Fundo Social respalda as empresas que não possuem área específica de relação com a comunidade para escolher os projetos que pode apoiar”, diz Faria, da WEG, empresa que participou da criação do programa devido ao seu histórico de uso dessas leis, iniciado no começo da década de 1990 em projetos como a criação da SCAR em Jaraguá do Sul.

“A adesão ao Fundo Social serviu como uma bússola de investimento social. Alguns projetos indicados já estavam no nosso radar e novas oportunidades foram apresentadas”, explica Franzner Junior, da Urbano, empresa que desde 2005 utiliza a renúncia fiscal para apoiar principalmente iniciativas esportivas. Além da seleção de projetos e entidades, o Fundo Social também disponibiliza às empresas participantes uma plataforma de gestão para acompanhar o impacto de cada projeto. “É uma forma de estimular a cidadania e contribuir para o desenvolvimento da comunidade na qual estamos inseridos. Todos ganham: empresas e comunidade”, afirma Hilton Siqueira Leonetti, diretor comercial e de marketing da Duas Rodas, empresa reconhecida por apoiar projetos culturais como o Festival de Música de Santa Catarina. ■

Ela não dorme no ponto

RITA DE CÁSSIA CONTI NUNCA FOI DE FUGIR DE DESAFIOS OU DE PERDER OPORTUNIDADES. ESSAS CARACTERÍSTICAS A LEVARAM A CONSTRUIR UMA DAS PRINCIPAIS MARCAS DE PIJAMAS DO PAÍS

Por **Maurício Oliveira**



A Mensageiro dos Sonhos, de Rita Conti, começou numa garagem em Brusque

Como uma estudante de publicidade em Porto Alegre se tornou a fundadora de uma fábrica de pijamas na catarinense Brusque, a mais de 500 quilômetros de distância? Esta é a síntese da trajetória de Rita de Cássia Conti e sua Mensageiro dos Sonhos, que em 2018 completa duas décadas de existência. Da mesma forma que ocorre com a maior parte dos empreendedores, o percurso que Rita trilhou definiu-se sobretudo por circunstâncias e oportunidades que surgiram inesperadamente ao longo da própria caminhada. “Quer mesmo saber da minha história? Então senta, porque ela é longa e eu falo bastante!”, avisou, com um amplo sorriso, a expansiva gaúcha de 53 anos.

Primogênita de três irmãos, Rita veio de uma família simples. Os pais, de origem italiana, eram agricultores que foram buscar uma vida melhor na região metropolitana de Porto Alegre – instalaram-se em Canoas, onde as crianças nasceram. O pai passou a trabalhar como vendedor ambulante e a mãe tornou-se professora de alfabetização. Rita passou todo o período escolar na rede pública, até ser aprovada para o curso de Publicidade e Propaganda na Pontifícia Universidade Católica (PUC), que era pago.

Dividindo apartamento com duas amigas em Porto Alegre, ela teve que se virar para bancar as mensalidades da faculdade, o aluguel e a sobrevivência. Trabalhava de dia no escritório de uma loja de joias e à noite ia às aulas. Nos finais de semana, além de

colocar os estudos em dia, preparava os pães de queijo e brigadeiros que venderia ao longo da semana para aumentar a renda. Apesar de tantas atribuições, ainda encontrava tempo e disposição para se envolver com política estudantil. “Os laboratórios do curso melhoraram muito graças à nossa luta”, lembra.

A intensidade com que se dedicava a tudo que fazia chamou a atenção de um professor, sócio de uma das maiores agências de publicidade de Porto Alegre, a Escala. Ele a convidou a trabalhar lá, como assistente de atendimento. Rita conheceu clientes que se tornariam grandes parceiros – a Bibi Calçados e a Renner. “Eu era muito jovem, mas fui conquistando meu espaço. Dava ideias e participava do planejamento estratégico.”

Depois de alguns anos, a diretoria da Bibi a chamou para o desafio de criar o departamento de publicidade e propaganda da empresa.

Ela aceitou. O problema foi que, menos de seis meses depois, veio o Plano Collor, que obrigou a empresa a fazer cortes drásticos na equipe, reduzindo o número de funcionários de 2 mil para 1.200. O departamento precisou ser extinto, mas Rita foi atuar na área de vendas. Ela se deu tão bem que, três anos depois, fez um acerto para se tornar representante comercial da Bibi em todo o território gaúcho. “Com a comissão de 8% sobre as vendas, comecei a ganhar muito dinheiro. Só que não me sentia satisfeita, porque aquilo era fácil demais, não representava um desafio”, descreve. →

mensageiro dos sonhos

FUNDAÇÃO
1998

SEDE
Brusque

PRODUTO PRINCIPAL
Pijamas

PRODUÇÃO
350 mil peças/mês





FOTOS: EDSON JUNKES

“

O estoque acabava rápido e eles foram pedindo mais e mais. Seis meses depois, tínhamos feito 60 mil peças para a Renner”

Com uma boa reserva de capital e o espírito de empreendedora pedindo passagem, ela decidiu comprar uma loja na Rua Assis Brasil, centro de comércio popular da capital gaúcha. Chamou a irmã sete anos mais nova, Patrícia, ainda em plena adolescência, para ajudá-la a cuidar do novo empreendimento, que tocaria em paralelo com o trabalho na Bibi. Ao avaliar qual deveria ser a especialidade da loja, ela se decidiu por moda íntima e pijamas. “Foi o maior desastre. A loja só dava prejuízo e eu insisti por tempo demais. Todo o dinheiro que eu ganhava na Bibi jogava fora ali.”

Por falta de alternativas, a loja só trabalhava com grandes fabricantes. “Eles impunham a coleção completa. Mesmo sabendo que muitos produtos não teriam saída para o meu público, eu era obrigada a aceitar”, lembra. Certo dia, ela ouviu falar do polo têxtil de Brusque, que vinha crescendo bastante naquela década de 1990, e viajou para visitá-lo. Ficou encantada ao encontrar um ambiente de pequenos e médios empreendimentos e gente qualificada para trabalhar.

Rita decidiu fechar a loja em Porto Alegre e partir, literalmente de mala e cuia, para a cidade catarinense. A ideia era passar para o outro lado, o da produção têxtil. Como a área de moda íntima já era familiar e não havia concorrência forte em Brusque, a decisão foi apostar neste segmento. A fábrica, batizada de Intimamente, cresceu e chegou a ter 60 funcionários. Em 1997, no entanto, ao romper com o sócio à época, Rita ficou com uma loja num centro comercial e algum capital. Enquanto pensava no que ia fazer, ela realizou o antigo sonho de viajar pela Europa com uma mochila nas costas.

Ao final da viagem, que durou dois meses, uma antiga parceira voltou à cena: a Lojas Renner, para a qual Rita havia trabalhado nos tempos da agência Escala, estava com planos de ter uma linha exclusiva de pijamas e consultou Rita sobre o interesse em disputar a oportunidade de ser a for-



Linha de produção: a empresa fabrica pijamas da própria marca e sob encomenda

necedora. Ela, que nunca foi de fugir de um bom desafio, montou a equipe às pressas, instalando-a provisoriamente numa garagem alugada. Nascia aí a Mensageiro dos Sonhos – nome que Rita, muito religiosa e ligada à Igreja Católica, diz que lhe ocorreu como uma espécie de inspiração.

No momento de definir a estampa da coleção, ela se lembrou de um hotel de Munique em que havia se hospedado. “Esse hotel tinha um papel de parede lindo e muito antigo, com desenhos de ursos. Aquilo me chamou tanto a atenção que fotografei”, conta. A foto inspirou o desenho da primeira linha de produtos, que foi escolhida pela Renner e vendeu 600 peças no primeiro mês. “O estoque acabava rápido e eles foram pedindo mais e mais. Seis meses depois, tínhamos feito 60 mil peças para a Renner.”

Ritual de dormir

Além de Patrícia, que jamais deixou de trabalhar com a irmã mais velha, o rápido crescimento levou Rita a “convocar” o irmão Jefferson, um ano mais novo, que ainda morava em Canoas, para também se mudar para Brusque e trabalhar com ela. Algum tempo depois, seria a vez dos pais, que hoje estão instalados num apartamento em Itapema. Enquanto a empresa crescia, ela reencon-

trou um conhecido da adolescência, o engenheiro agrônomo Carlos Alberto Rockenbach, com quem casou e teve dois filhos – Júlia, hoje com 16 anos, e Thiago, 15.

Com 150 funcionários internos e outros 600 trabalhadores envolvidos na cadeia de produção (boa parte do processo é realizada por oficinas terceirizadas), a empresa está instalada numa área de 15.400 metros quadrados, sendo 5.800 ocupados por edificações e os demais por uma reserva de mata. A Mensageiro dos Sonhos produz em média 350 mil peças de pijamas por mês, além de outros objetos ligados ao ritual de dormir, como almofadas, máscaras, pantufas e chinelos. Tendo como principal público-alvo as mulheres das classes B e C, novas coleções são lançadas semestralmente.

A empresa continua produzindo sob encomenda de grandes empresas, como Lupo, De-Millus, Marisa e Casas Pernambucanas, mas 55% da produção é destinada à marca própria, vendida em sete lojas instaladas em Brusque, Blumenau, Balneário Camboriú e Itapema – além da loja pela internet e de 25 representantes em todo o Brasil, que abastecem lojas revendedoras. “Sou muito grata a Brusque, onde encontrei um povo aberto e trabalhador. Hoje tenho o título de Cidadã Honorária da cidade e me sinto filha de Santa Catarina, estado que amo muito”, afirma Rita. ■

A hora de investir é agora

Há não muito tempo se discutia quais seriam os motores para se tirar o País da recessão instalada em 2014. Desemprego elevado e baixa utilização de capacidade na indústria elevavam as dúvidas sobre a capacidade de reação de consumo e investimento. Mas os últimos meses mostraram que já iniciamos um novo ciclo de crescimento.

A saída da recessão foi possível graças a um substancial alívio financeiro. A fragilidade da economia e os choques de oferta favoráveis promoveram uma forte redução da inflação, abrindo espaço para a recuperação de parte da renda real e, principalmente, para uma queda substancial da taxa de juros. Igualmente importante, o quadro externo amplamente favorável permitiu estabilidade no câmbio e queda do custo do capital.

Este ambiente, associado à redução do endividamento das famílias observada a partir de 2012, tem explicado baixos níveis de inadimplência de pessoa física, estimulando o aumento da demanda por crédito ao mesmo tempo que os bancos mostraram disposição em voltar a emprestar. Como resultado, o consumo voltou a se acelerar.

Com a recuperação gradual do consumo, a ociosidade das empresas tende a ser reduzida. O aumento dos níveis de produção e vendas permite a retomada do faturamento e a melhoria da situação de caixa das empresas, favorecendo melhores condições de crédito. É possível que em 2020 o Brasil volte a operar a plena capacidade, estimulando um

ciclo favorável de investimentos.

Mesmo que este ano nos reserve ainda muita confusão, os baixos níveis de inflação, juros e endividamento das famílias sugerem que dificilmente a retomada sairá dos trilhos. Igualmente importante, o próximo presidente deverá manter uma gestão responsável da economia. Isso porque a crise do Estado não permite alternativas nas escolhas de políticas públicas.

Em termos práticos, a responsabilidade implica a retomada do programa de concessões e privatizações, além do avanço de reformas que permitam ao Governo gastar menos e estabilizar a dívida, ancorar o câmbio e sustentar taxas baixas de inflação e juros. Mais importante, este ambiente gera a estabilidade e previsibilidade, fundamentais para a maior atratividade do País aos investimentos.

O resultado será o aumento da produtividade e do crescimento. Considerando a média dos ciclos econômicos e políticos no Brasil, é bastante provável que esta retomada que se iniciou em 2016 se prolongue pela próxima década. Gestões responsáveis e maior previsibilidade

tendem a gerar um ciclo virtuoso à frente, o que faz com que as fragilidades do momento possam ser vistas mais como oportunidade que risco.

O cenário de retomada e o fato de os custos de produção e de capital estarem em níveis historicamente baixos sugerem que um eventual aumento das incertezas globais e eleitorais de curto prazo permita ótimas oportunidades. A hora de investir, portanto, é agora. ■



Roberto Padovani
Economista-chefe do Banco
Votorantim

DIVULGAÇÃO

A EDUCAÇÃO também é uma TAREFA de TODA a FAMÍLIA.



FAMÍLIA PELA *educação*

Família presente acompanha a vida escolar dos filhos. Mas lembre-se: todo dia é dia da família na escola e todo dia é dia de Educação.

Realização



Parceiros Nacionais



Parceiros Internacionais



TODO EVENTO PRECISA DE CREDENCIAL. A NOSSA É A SATISFAÇÃO DE 95% DOS CLIENTES.

O Centro de Eventos da FIESC possui uma infraestrutura completa para realização de diversos eventos corporativos. Oferece excelente localização, organização, consultoria, equipamentos e serviços. Além disso, proporciona benefícios especiais para sindicatos industriais filiados à FIESC, indústrias filiadas aos sindicatos e associados da CIESC.

APROVEITE TODAS AS VANTAGENS
E ENTRE EM CONTATO COM A GENTE PARA
SOLICITAR O ORÇAMENTO DO SEU EVENTO.
(48) 3231 4288 | faleconosco@fiesc.com.br
fiesc.com.br/centrodeeventos

770
EVENTOS
REALIZADOS
EM 2016

CONTE
com a
GENTE



FIESC